

FAZ-SE A LUZ

Maria Dolores Figueras

ÍNDICE

Dedicatória.....	01
Raizes	04
Infância	06
Temores	09
A Filosofia de Luis.....	10
Perguntas sem Respostas	13
Rebeldia	15
Liberaco.....	17
Questionamentos.....	19
A Hora do Encontro.....	21
Reflexões.....	23
Perplexidade.....	25
Mestres.....	27
Pablo de Tarso.....	29
Testemunhas de Jeova.....	31
A Grande Alternativa	34
A Humanidade e seus Deuses.....	37
Memórias de Dora.....	40
Final do Trajeto	48
A Caminhada Iluminada.....	52

DEDICATÓRIA

Esta pequena obra  dedicada as minhas dvidas e a toda minha grande família espiritual, que fui encontrando ao

longo desta existência; um número importante de pessoas que falam a mesma linguagem, compartilhando aspirações análogas, estudando e analisando, à luz do Espiritismo, porque nascemos, morremos e renascemos.

Como Irmãos de Alma, no momento de terminar este trabalho, sinto-me feliz por tê-los ao meu lado e saber que, mesmo sem medir palavras, nossos espíritos estavam no mais cordial diálogo sobre as eternas verdades que tanto amamos. Um por um, seus rostos e nomes vão aparecendo diante de mim. A ninguém esqueço e desejo que saibam que me sinto muito próxima de suas presenças. E por ter experimentado fatos e aceito a essência dos meus mais caros desejos, auxiliando o direito legítimo de conhecer profundamente os anseios que movimentam e alimentam meu espírito.

Consequentemente é desolador sentir-se órfão, indefeso, e sem poder esperar que um Amor Paterno, nos proteja e nos aninhe em seus braços, transmitindo-nos o calor da autêntica Vida. Não questionamos a existência de Deus. Sabemos que temos um Pai, que nossa estirpe é divina e logicamente somos possuidores da Vida indestrutível. Esta condição, no entanto, não é de conhecimento de todos os seres humanos. É necessário perguntar o motivo de tão frequente desconhecimento e questionar a causa que provoca incredulidade, indiferença, ateísmo, ou em uma palavra, o frio da alma. Muitas vezes, a maioria das pessoas está tão atarefada que nem sequer notam que lhes falta o calor da esperança.

Mas algumas se debatem entre a dúvida e o desejo que alguém ou algo dê respostas as suas perguntas.

A estas pessoas que buscam, que chamam por conhecimento, é preciso atendê-las a fim de que sua súplica não seja inútil e que possam descobrir por si mesmas a grandeza das leis divinas.

Ao mesmo tempo é obrigação irrefutável, denunciar de onde germinam as sementes das confusões para que estas sejam adequadamente tratadas.

É fácil deduzir que, praticamente, todos os indiferentes ao conteúdo espiritual procedam de ambientes religiosos.

Por que razão as religiões representam terreno fértil de onde proliferam os incrédulos e indiferentes, particularmente entre as novas gerações?

A evidente distorção está no acúmulo de suas incoerentes aprendizagens colocando em evidência claras contradições que deformam a verdadeira natureza de Deus. Insiste-se em manter vivo, atualmente, um Deus arcaico, antropomorfo, criado a imagem e semelhança dos homens portanto atribuindo-lhe idênticas debilidades.

Se nos remetermos as origens do Gênesis Bíblico, para comprovar que Deus se arrependeu de ter criado o homem e que tanto lhe decepcionou este infeliz mortal com suas desobediências que, quem sabe na tentativa de solucionar as deficiências de sua obra, a este “Deus”, desta maneira entre aspas, não lhe ocorreu maior solução do que enviar um dilúvio para varrer da face da terra todo ser vivente. Notemos que tais fatos, por certo, pregariam a incompatibilidade dos mesmos com todos os atributos, em grau infinito, inerentes ao Criador. É óbvio que a Infinita Sabedoria, por exemplo, não pode sofrer lapsos e criar uma humanidade que desconhecia suas limitações.

Mil inquietantes perguntas nos ocorrem ao observar as diferentes situações com que homens e mulheres se deparam no cotidiano. Cataclismas naturais, saúde, doenças, riqueza, miséria, inteligência, perturbações mentais e até mesmo a morte de recém-nascidos, diante da longevidade nem sempre invejável dada à precária qualidade em que se passa a vida destas pessoas. O sofrimento humano segue sendo uma incógnita para a maioria dos mortais.

É verdadeiramente grave ignorar que este imenso e aparente caos e desordem, de apressados contratemplos, estão regidos por uma lei natural justa e infalível. A lei de ação e reação. Reencarnar significa ter a oportunidade de semear com inteira liberdade, para colher mais tarde, os frutos de nossos atos. Inflexivelmente a natureza de nossos sentimentos e a forma de nos comportarmos criarão na medida precisa, o cenário idôneo onde se reunirão as condições e através das quais poderemos adquirir o equilíbrio espiritual. Para evoluir teremos todo tempo que necessitarmos: séculos, milênios, dependendo sempre do esforço com que nos dediquemos. Por mérito próprio, reencarnando uma e outra vez, conquistaremos os ápices da paz.

Em uma simples fórmula, ignorada e destorcida em muitas ocasiões e ocultada deliberadamente em outras, por quem tenta impedir o progresso moral da humanidade, impondo sua sede de poder ao bem comum. Cumpre-se assim a sábia advertência de que se um cego guia outro cego, ambos caem no buraco.

Poe esta razão, o apressado desejo de meu espírito é de prosseguir no empenho de que a existência da lei das consequências, seja conhecida pelo maior numero possível de pessoas. Nós seres humanos, todos, nascidos de um mesmo Amor, somos herdeiros de um idêntico patrimônio e a nenhum de nós, na justiça, será negado crescer, evoluir espiritualmente em sentimentos e sabedoria.

O conhecimento que nos aguarda depois da morte física e as consequências derivadas de nossos atos quando

transitamos pela terra, é algo que nenhum ser deveria ignorar. Nós economizaríamos incontáveis sofrimentos, porque, somos donos por inteiro de nossos destinos e poderíamos subir, assim, com maior diligência a escada do progresso.

RAIZES

Dora às vezes, levantava a cabeça do seu trabalho para olhar através dos cristais do balcão para as pessoas que

andavam pela praça. A maioria era da sua vizinhança. O tempo havia passado com extraordinária rapidez, mas ela podia recordar-se, com grande clareza, destas pessoas a cinquenta anos atrás. Desde aquela época muitas coisas haviam acontecido. Inês, a conformada Inês, graças as suas convicções religiosas, sendo católica fervorosa, foi capaz de superar a morte primeiro de seus três filhos, e mais tarde de seu marido. Berta, ao contrário, estava em depressão profunda, sem motivos aparentes. A família Garcia durante o período de pós-guerra civil Espanhola havia se “encumbrado” economicamente, mas o primogênito acabou por dilapidar o patrimônio em maus negócios mercantis, drogas e jogos. E ali passava Maria, quase que arrastando o filho, um homem de 40 anos que, devido as suas deficiências, não podia articular uma só palavra...

Parecidas situações, com muita frequência podem ser vistas em todos lugares e, incitam a questionar a razão do sofrimento humano. Dora, guardou o trabalho e pegou de uma estante um volumoso álbum de fotografias.

Na primeira página se encontrava a fotografia de uma mulher de mais de noventa anos. Dora sorriu ao contemplar o rosto enrugado e sério de sua bisavó. Conhecia dela o suficiente para entender suas reações e sua postura. Ela foi mãe de nove filhos, seis dos quais morreram nos primeiros anos de vida. Escutava dos lábios do padre, que aqueles filhos eram flores tão delicadas, “que Deus os queria para si”, a mulher enrugava o cenho e sentia que uma dor profunda lhe atormentava, sem entender os “cruéis caprichos” de Deus. E que acometiam seus filhos! Por que eles lhe eram enviados para depois serem resgatados? A gota d’água de sua paciência chegou ao ápice quando nasceu Benjamim e seu marido estava doente e acamado. Uma manhã ao ir amamentar seu rosado bebê, o encontrou morto. Ela queria enlouquecer e o padre não a consolava em absoluto, muito pelo contrário, a responsabilizou pelo filho não ir direto ao limbo, uma vez que não o batizara em seu devido tempo.

A mãe pousou seus olhos chorosos na volumosa barriga do padre e lhe disse que ele assim a tinha, graças às comilanças que haviam feito gulosamente nos batizados e enterros dos seus filhos. O Limbo! Mas que crença tinha ele? Quem era para mandar para ali seu filhinho? O filho devia estar junto a seus irmãos, no céu.

A bisavó de Dora nunca mais voltou a por os pés numa igreja. Exigindo que seus filhos lhe dessem a palavra de que não chamariam a nenhum padre para seu enterro. Seu desejo foi cumprido, a velhinha Antônia, faleceu no final de 1937 em plena guerra civil espanhola. A família vivia na Catalunha.

INFÂNCIA

Dora relembrou, com a ajuda de sua fiel memória, aos “aciagos” dias de sua infância. Havia chegado a este mundo num dia quente de julho de 1932. Dois anos mais tarde morria, vítima de tuberculose, Antônio seu tio paterno, de 24 anos, a quem ela acreditava recordar, talvez, graças a uma grande fotografia posta em uma parede da sala de jantar no lugar de seus avós José e Emilia.

Dora sentia que lhe invadia uma profunda tristeza, uma forte angústia, uma estranha escuridão que envolvia tudo. Sua mãe, doente e acamada, seu pai envolvido no exército republicano. Os adultos contanto mil tragédias e deflagrando a falta de alimentos. A proibição de ter as luzes acesas e as janelas abertas, diante de um possível ataque aéreo, as aterrorizantes sirenes avisando para as pessoas estarem a salvo nos abrigos mais próximos... Desolação, confusão, impotência... E foi assim um dia após o outro.

O estado de saúde de sua mãe piorou. O avô José, seu sogro, a levou para um hospital de Barcelona com a esperança de que pudessem curá-la. Passados, alguns meses os médicos disseram que a tuberculose que lhe acometeu estava bastante avançada e era irreversível. Não podiam seguir atendendo-a, pois muitos enfermos, talvez com maiores possibilidades de cura, estavam aguardando para dar baixa.

O avô foi buscá-la mas ela lhe disse que não poderia voltar para casa e correr o risco de contaminar a sua filhinha com esta cruel enfermidade. não, de modo algum! Dora tinha que viver! A enferma de 25 anos, se refugiou na casa de seu pai, o avô João e sua terceira esposa, Carmem. Eles cuidaram dela da melhor maneira que podiam, mas em 12 de fevereiro de 1938, a mãe de Dora deixou este mundo.

A pequena ficou aos cuidados de seus avós paternos e da sua tia Montse, uma risonha jovem de 20 anos. Eles lhe disseram que sua mãezinha havia ido para o céu, mas Dora com pouco mais de cinco anos, não entendia que estranho lugar era este. Cada vez que alguém chamava a porta ela corria para ver se era sua mãe voltando do céu ou da cidade de onde viviam os avós João e Carmem. O que era estar morto?

Recém terminada a guerra, Dora frequentou um colégio de freiras, as quais não vestiam o clássico hábito. Uma tarde, a freira, contou para as suas alunas que “todas as pessoas que haviam morrido durante a guerra, como não existiam sacerdotes para dar-lhes os sacramentos de penitência e eucaristia, estavam condenados ao inferno”. Ao escutar tais asseverações, as bochechas de Dora tornaram-se vermelhas e seu coração bateu mais apressado. Recordou-se de sua mãe,

de sua querida e adorada mãe. A freira, chegou ao cúmulo de acrescentar todo tipo de absurdos “As pessoas no inferno queimam continuamente, padecem de muita sede e não podem beber água...” “Quando Deus está de costas, pensou a menina com rapidez, darei de beber a minha mãezinha”.

Mesmo tendo tomado esta decisão, Dora não conseguiu se tranquilizar. As desafortunadas palavras da freira martelavam em sua cabecinha. Durante a noite em sua cama, não parava de pensar em sua mãe, no fogo do inferno, na sede e em Deus que poderia lhe descobrir estando de costas! O medo e a impotência lhe fizeram chorar desesperadamente.

Tia Montse lhe encheu de beijos, secando suas lágrimas e lhe assegurou que nada do que havia dito a freira era certo. “Nada, Dora, é verdade! Sua mãe esta no céu e de lá a olha e protege. Sua mãe era muito boa e Deus a ama. Sabes, minha pequena, Deus nos ama a todos.”

A Dora, lhe fascinava a História Sagrada e colecionava figuras de santos. Quando se preparou para a primeira Comunhão decorou a catequese do início ao fim. Todo mundo lhe assegurava que aquele seria o dia mais feliz de sua vida, de modo que ela esperava algo muito especial, uma vez que iria receber a “Deus.” Importunamente o sacerdote em seu púlpito, repetiu que “hoje era o dia mais feliz de suas vidas, ao lado de seus pais”. Dora engoliu em seco, a sua direita estavam a avó Emilia e o avô José e a sua esquerda tia Montse e seu prometido. As duas mulheres secaram suas lágrimas. O pai da menina, por ser um soldado do exército “vermelho”, estava em um campo de concentração na França. A família estava à espera, de que, de um dia para outro ele voltaria. Não pesavam cargos políticos sobre ele, mas a dura ditadura fascista aconselhava prudência.

Finalmente no final de agosto de 1941, o viúvo pode voltar a sua terra e abraçar a sua filha a quem não via a mais ou menos três anos. Chegou bem a tempo de assistir ao casamento de sua irmã Montse que foi celebrado em setembro.

Um dia, tia Montse, sorridente, radiante disse a Dora que tinha um segredo e sussurrou umas palavras mágicas em seus ouvidos. “Vais ganhar um priminho. Um bebê pequeno e que desejo que se segures em teus braços”. Ela não podia acreditar e quis saber quanto tempo levaria. Faltavam sete meses, mas começaram a mexer em uma grande caixa que tinha roupinhas de quando Dora havia nascido. Estavam em muito bom estado e seu estado econômico não permitiria gasto algum.

Ao terminar a escola em 1942, o pai de Dora lhe disse que aquele verão ela passaria em companhia de seus avós João e esposa e prometeu que em agosto iria lhe buscar para assistir ao batizado do filho de tia Montse. Somente 30 quilômetros de sinuosa estrada separavam as duas cidades. A Dora lhe encantou esta idéia. O avô João era um homem otimista, jovial e sabia um monte de truques e adivinhações. Mostrava o dorso firme de sua mão direita a sua neta e muito sério lhe perguntava o que era aquilo. Era a mão do avô. “Não que nada, dizia ele! É a mão de um padre morto, porque se estivesse vivo lhe pediria de volta.”

No meio do mês de agosto o pai de Dora veio vê-la. Não lhe trazia boas notícias. Tia Montse tinha dado a luz a um menino, a quem chamaram de Antônio em homenagem ao seu jovem tio, mas devido a grandes dificuldades no parto, o bebê morreu em dois dias. Dora sentiu muita pena pela perda do priminho. Sua tia o esperava com tanta alegria! E da morte agora ela sabia, ninguém havia regressado.

Tia Montse não estava bem de saúde, estava a tossir e o mais prudente era que ela e sua sobrinha não convivessem juntas. O avô João e Carmem, encantados, se ofereceram para cuidar da neta. Perto de sua casa havia um colégio de freiras Carmelitas, ao qual Dora foi durante alguns meses., até que seu pai decidiu interná-la com o objetivo dela receber uma educação mais “refinada”. Na realidade o verdadeiro motivo era as desavenças que sempre aconteciam entre ele e seu sogro. Eram duas pessoas totalmente diferentes e Dora entristeceu-se porque lhes queria muito bem, além da angústia da sua separação com seu avô e Carmem, duas pessoas que a cobriam de atenção e carinhos.

TEMORES

A vida de Dora mudou completamente no internato. Novamente a idéia de Deus, a imortalidade e o céu fizeram “presa” de sua alma. Para ela parecia muito difícil não pecar nem em pensamento, e lhe aterrorizava a possibilidade de cair no inferno. As freiras lembravam-nas com frequência quão trabalhosa era para salvar a alma e o seu diretor espiritual confirmava estas aprendizagens. De modo que, as palavras de tia Montse sobre o inferno, perdiam forças mediante as repetidas e insistentes cenas que as freiras contavam as suas alunas, de pessoas que apareciam nos confessionários, onde brotavam sapos e cobras de suas bocas e dizendo que gemiam no inferno por não haver confessado um pecado mortal. Um pecado mortal era faltar à missa em um domingo. Dora estava aterrorizada e suspirava por morrer depois de confessar e comungar para desta maneira conseguir a glória eterna. Ela estava obcecada com a idéia e adotou o papel de anjo salvador para sua querida família. Durante as férias recomendava, com insistência, aos seus, que não deixassem de ir a missa dominical. Seu avô João ria dizendo-lhe: “Não se preocupe , Dora, tudo isso não são mais do que contos” chinesos “. Este é o” modus vivendi “do clero”. Carmem, prevendo, falava sempre: “Mas tu, pequena, disto que te disse teu avô “mutis”. Nem meia palavra , pois estas pessoas são muito ruins...” E começava a contar mil e uma histórias sobre a Inquisição.

Dora, às vezes, pecava em pensamento. Reconhecia que tinha muitos defeitos, e o maior de todos a inveja. Invejava, sem ninguém saber até que ponto, as demais meninas pois elas tinham mãe, e sempre acabava por pensar: “Se Deus é tão bom, por que levou minha mãe?” Depois entrava na capela da escola e pedia perdão por sua rebeldia.

Em junho de 1944, tia Montse cada vez mais debilitada e doente, teve que ser internada em um sanatório para tuberculosos e Dora voltou para casa abandonando o internato definitivamente.

A FILOSOFIA DE LUIS

Frequentemente, a avó Emilia, convidava a Luis, um novo vizinho, para uma limonada. O homem vivia sozinho, pois durante a guerra tinha perdido sua família. O regime fascista lhe manteve encarcerado mais de quatro anos, devido as suas idéias liberais. Defendia o direito de livre expressão e a prática dos próprios ideais. Estava em desacordo com a Igreja em numerosos pontos.

“A qualidade de uma instituição se pode medir por seus postulados e seus atos. Se ambos estão distantes e não são complementares, temos que desconfiar dela. Temos que separar o joio do trigo. Péssimos exemplos dão os padres nos dias da Semana Santa, consentindo que as crianças vão a “matar judeus” providos de matracas e marretas, dentro da casa de Deus. Ruim aprendizagem esta de alimentar o ódio fazendo uma nivelção e acusando de “baixa”, uma vez que não tinha culpa por Jesus ter nascido em Belém e a casta sacerdotal instigou sua crucificação, porque via cambaleiar seu poder e interesses”.

Luis calava, escutando os favoráveis comentários do avô José, sorrindo ao observar a atenção com que Dora acompanhava a conversação, e continuava “O poder e o dinheiro está presente em todos os serviços do seu ministério. Se já é difícil cumprir os 10 mandamentos, o clero nos tem sobrecarregado com mais cinco, os das igrejas. No momento que nasce uma criatura, agora por decreto de lei, devemos batizá-la e automaticamente a convertem em algo seu, não a soltando até sua morte. Eles se caracterizam imprescindíveis para manobrar todos os atos de nossas vidas. Penetram nos mais profundo das consciências e através da confissão, aterrorizam com as ameaças de penas eternas do inferno e vendem “pedaços do céu” a bom preço, a qualquer incauto que caia em suas redes. Queres comer carne sem pecar? Pagando uma taxa, fica fácil. Utilizam o dinheiro como uma concessão.”

“O povo simples, sofre pelas recordações terríveis da inquisição, vivendo envolto entre tradições e superstições. Não vistes a reação de Matias diante da enfermidade de sua filha? Ele que diz não crer em Deus, prometeu subir até o santuário para levar à Virgem uma vela mais alta que a filha, se esta curasse. Matias colocou também esta condição, se a filha não fosse curada, não haverá vela. A isto eu chamo de truque de chantagem, mas parece que para o clero, uma vez que permitem, estas oferendas são mostras de fervor religioso”.

Passados alguns anos, a filha de Matias, por vocação entrou em um convento até professar os votos perpétuos, um vizinho fanfarrão, comentou: “Quantas surpresas a vida no guarda! A filha de Matias casou-se com Deus, convertendo a seu pai, um ateu convicto, em sogro de quem ele disse que não existia”.

E Luis completava:

“Se não me esqueço dentro da Igreja, surgiram grandes figuras, seres altruístas que movidos por amor ao próximo, levaram à prática os ensinamentos de Cristo. É uma exemplar conduta, sem dúvida alguma, mas estas pessoas se limitaram a cumprir o seu dever. Não achamos natural que uma mãe amamente e cuide de seus filhos? O contrário, que lhes abandone e maltrate, nos parece desumano e é lógico que reprovamos. Com a política e a religião devemos proceder da mesma maneira. O que é provadamente razoável, é bom aceitá-lo, mas o que oferece dúvidas por ser confuso e contraditório, faz-se necessário trazer a luz para que se corrija quem tenha que corrigir. A humanidade, a história nos mostra, tem progredido graças ao se rebelar contra toda tirania, denunciando injustiças e tentando libertar-se de jogos humilhantes.”

As palavras de Luis tinham a virtude de trazer a Dora ao seu íntimo reparando situações e detalhes que talvez houvessem passado desapercibidos.

As freiras tinham, por caridade, algumas meninas exiladas, na sua maioria órfãs. As maiores, entre onze e quinze anos, eram as que faziam os trabalhos mais pesados do convento. Limpavam todas as dependências, lavavam a mão verdadeiras montanhas de roupas, costuravam, passavam, preparavam a comida e a serviam em todos os refeitórios das freiras e das internas. Estas meninas comiam em um refeitório separado. Em época de vagens, cozinhavam as cascas vazias para elas e para o resto da comunidade e internas os grãos. Raras vezes eram vistas nas classes. Usavam uniformes de distinto modelo e cor, de modo que quando saiam a passear aos domingos à tarde, em fila dupla, os que passavam sabiam que se tratavam das meninas “pobres” do convento das carmelitas.

Durante a guerra os inconformados haviam queimado a Igreja do convento. Entretanto se utilizava uma capela interior para os serviços das missas. Em junho do ano de 1943, celebrou-se uma grande festa abençoando uma imagem do

Sagrado Coração em tamanho natural, destinada a permanecer no maior altar, no dia em que a Igreja estivesse reconstruída. Naquela mesma noite choveu cântaros. As meninas órfãs, aquelas que as freiras deram abrigo por caridade, viviam em uma ala do edifício, longe das pensionistas. Dormiam numa grande sala, sem camas, no chão, sobre montes de palhas. O telhado estava em mau estado e não conseguiu conter a forte chuvarada. As meninas viram a água, sem poder remediar, inundando seu dormitório, molhando seus corpos e todos seus poucos pertences.

Cada vez que Dora recordava, sentia um frio a invadir-lhe interiormente, esta passagem lhe serviu, quatro anos mais tarde, para perguntar a um frei, amigo da família, o qual não compreendia o distanciamento da Igreja: “Frente a este sucesso, quem pode pensar na caridade cristã? O que era mais importante, consertar o telhado ou venerar a uma imagem de Jesus?”

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Em abril de 1946, o pai de Dora casou-se novamente. A Dora, uma mulher ocupando o espaço de sua mãe não lhe entusiasmou, mas entendeu que ao seu pai cabia total direito de refazer sua vida e, mostrou-se compreensiva em todos os momentos. O poder aquisitivo do casal era quase inexistente e o novo matrimônio não teve outra alternativa do que se instalar no lugar dos avós José e Emilia, junto com o marido de Montse. Para Dora aquela solução pareceu maravilhosa, pois estaria junto das pessoas que mais amava.

Ao final de Maio a família recebeu uma carta com termos, desgraçadamente reiterativos. “Descrevendo que o caso de enfermidade de Montse era incurável e devido ao tempo transcorrido no sanatório, era de sua obrigação informar que a família tinha o prazo de uma semana para buscá-la”. A lista de outros pacientes para ingressar era enorme. Diante de uma realidade tão amarga, uma preocupante incógnita se acumulava. Qual outra vítima, a tuberculose faria? A família de Dora, pensando nela, sentiu que uma forte ansiedade lhe oprimia. A própria Montse, ao regressar para casa, foi a primeira a pedir a seu irmão que levasse para longe a menina, pois ela queria bem demais a sua sobrinha.

Frente a esta conflitante situação o pai de Dora buscou uma alternativa. Não foi fácil, mas em primeiro de setembro, ele e sua vistosa esposa e filha mudaram-se provisoriamente para Barcelona. No momento da despedida apesar de todas as advertências da avó Emilia, Dora e Montse abraçaram-se fortemente, pela última vez. O pai de Dora as separou, prometendo a Montse que no Natal viriam todos visitá-la. Contudo, quando se aproximaram aquelas datas Montse liberou o irmão de sua promessa, dizendo-lhe que se sentia muito mal e que não demoraria muito para voltar ao mundo espiritual. Ela o sabia pois muito frequentemente Antonio, o irmão delas, Cecília a mãe de Dora e ela, ficavam radiantes ao estarem em seu leito. Montse desejou para a sobrinha toda a felicidade do mundo e uma longa e venturosa vida.

No dia 19 de fevereiro de 1947, tendo recém completado 31 anos, os olhos de Montse se fecharam, após aquela longa e penosa doença. Dora, uma vez mais chorando desoladamente, perguntou: “Deus, meu Deus, por que?”

Passadas três semanas regressaram ao local dos avós José e Emilia. A Dora, lhe parecia estar vivendo um pesadelo. Correu por toda casa para ter certeza de que ela não estava mais ali. E de fato encontrou a casa vazia, as paredes recém pintadas, a varanda continuava de portas abertas de par em par e os móveis, por ordem da avó, haviam sido queimados. Montse havia partido para não mais regressar.

Dora se perguntava se era possível viver sem o temor da monstruosidade da guerra, as longas e cruéis enfermidades, e a aterradora morte chamando implacável a sua família. Em silêncio, agitando seu espírito de rebeldia, levantava, uma e outra vez, os seus chorosos olhos, contemplando o espaço infinito e imperiosamente reclamava por uma resposta. “Por que tanto sofrimento? Porque existem os órfãos, os cegos, os pobres e os poderosos? Onde está a justiça divina?”

REBELDIA

O frei que visitava com frequência a Montse nos últimos meses de sua enfermidade, expressou o desejo de conhecer Dora. Sua tia, que a adorava e se desmanchava em elogios sobre a sobrinha: que era carinhosa, obediente, submissa e inteligente, um encanto de criatura. O frei capuchinho encontrou-se frente a frente com uma menina ferida, profundamente em seu íntimo, pela morte recente de sua tia e que não conseguia esquecer os demais dolorosos acontecimentos que escureceram sua infância. Guerra, fome, doenças, mortes... Não, os olhos de Dora, não eram olhos de uma adolescente que os abre para a vida em uma busca ávida, cheia de ilusões, um caminho que a levasse a saborear delícias sem fim. Ela necessitava conhecer a razão do infortúnio humano.

O frei, suavemente, tentava dar respostas para as indiscretas mas sensatas perguntas de Dora, recordando-lhe sua condição cristã pelo sacramento do batizado, coisa que ao mesmo tempo não lhe dava o direito a duvidar da bondade de Deus, muito menos ainda pedir-lhe contas de seus atos. Devia acatar sua vontade, ainda que esta quase sempre constitua um grande mistério para toda a humanidade. Os argumentos do capuchinho não convenciam a Dora. Tinha a impressão que o voto de obediência limitava sua liberdade de raciocínio, uma vez que não desfrutava de devida autorização para sustentar um diálogo aberto. Não existia forma humana de questionar as bases da fé. O imutável muro do dogma e o mistério estavam ali e a Igreja não permitia que alguém tivesse a ousadia esclarecê-lo.

Um domingo de manhã Dora permaneceu em sua cama e levantou-se tarde, por mais que a avó insistisse em chamá-la. Ela tomou seu café da manhã, uma caneca de chocolate com biscoitos e colocou-se a ler. Não assistiu a missa dominical. Na medida que as horas iam passando comprovava que sentia uma estranha paz interior, era como se correntes deixassem de aprisioná-la e podia movimentar-se com inteira liberdade. Sorriu ao pensar que algo parecido devia ter sentido sua bisavó Antonia quando decidiu que não iria voltar a pisar em uma Igreja.

Estanhando a mudança de comportamento de Dora, a avó quis saber o que se passava. A boa mulher descobriu uma faceta insuspeita no caráter de sua neta. Era determinada em suas convicções. Sem titubear contestou: “Já não creio na Igreja, porque prega o que não crê e deixa de fazer o que deveria de fazer, depois de ter feito muitas perguntas e

em nenhum momento me respondeu com lógica. Cheguei a conclusão de que, ou mente ou ignora ou as duas coisas, o que é tão grave que não merecem confiança. Eu não estou disposta a aceitar o que não entendo e não acho justo.”

Dora tentou desenterrar de sua mente a idéia de Deus, um ser incapaz de compreender. Mas só conseguiu sentir-se pior, desamparada por completo, abandonada a mais angustiante orfandade. Por outro lado seu espírito necessitava crer na Vida, porque era a única forma que conhecia para vencer a morte. Ela iria meditar e por em ordem toda aquela mistura de necessidades anímicas, aprendizagens religiosas ricas em contradições e supersticiosas tradições que de forma bem abundante encontrava a sua volta.

Luís intuindo a crise espiritual que atravessava sua vizinha, lhe aconselhou: “Sempre que nos vemos obrigados a colocar de lado um móvel que está carcomido e irreversível, antes devemos procurar substituí-lo por outro mais útil e são.”

LIBERAÇÃO

Desde pequena, Dora sentia debilidade de subir ao sótão e saber quando voltaria a estar com os demais. Havia uma cadeira de balanço, duas lâmpadas, caixas contendo os mais diversos objetos e sobretudo, livros. Naquele dia chamou a

atenção de Dora um livro velho e empoeirado. Estava escondido no fundo de uma caixa de madeira, a mais de dez anos desde o começo da guerra civil. Tinha como título “Memórias do Padre Germán” e era uma obra genuinamente espiritualista. Depois de folheá-lo, avidamente interessada, se dirigiu ao seu quarto e começou sua leitura. Na medida que ia avançando, sentia que uma ordem interna a invadia, uma luz emergia em seu espírito iluminando-o por completo. Desaparecia a escuridão, as dúvidas, a rebeldia... Dora descobriu que existem leis naturais e divinas. As de Evolução de Causa e Efeito, que se cumprem mediante a reencarnação, reafirmando que a aparente desordem que envolve os seres humanos é o cumprimento da justiça inerente as leis evolutivas, nas quais está imersa a humanidade.

As páginas do livro continham uma autêntica revelação. Falavam, várias vezes na inegável existência de um Deus com todos os atributos em grau infinito: Amor, Bondade, Justiça... Do Pai da Vida, de quem todos os seres, igualmente, haviam recebido a mesma herança. Criados simples e ignorantes, mas com a semente, em potencial, para poder desenvolver até o infinito, a inteligência, os sentimentos e as virtudes, seguindo a responsabilidade que nos confere o livre arbítrio. O tempo, indefinido, converte-se em grande aliado e existência após existência ensaiamos os primeiros passos, lastimando-nos profundamente as quedas e aprendendo com os erros. Aceitando situações difíceis e angustiantes que nos proporcionam, sem dúvidas, o poder de reparar aos graves equívocos cometidos. Mesmo os mais horríveis crimes, filhos da crueldade e ignorância humana, não se tornam credores de uma sanção eterna. A moeda de trocas para o resgate de uma dívida contraída é a prática do Bem e do Amor pelo próximo, o grande trabalho que requer o progresso do espírito.

A avó Emilia recomendou a Dora que voltasse a colocar o livro no local onde este estava, sem comentar com ninguém. Mas este avanço espiritual criou tal dimensão na jovem que não lhe era possível esquecer nem escondê-lo. Com tanta convicção crescia em seu espírito uma segurança na imortalidade, que transcendia nas mais simples conversações.

Conversou muitas vezes com o amigo frei, sem utilizar os argumentos de rebeldia que antes lhe acometiam. Agora estava amparada com pensamentos que podiam resistir as análises e a crítica. O frei e Dora falavam diferentes linguagens. O primeiro defendia que tudo girava em torno da vontade de Deus, a quem ninguém tem o direito de cobrar seus atos por mais irracionais que pareçam. Sua forma de agir é um mistério, mas devemos aceitar, dizia o homem indefeso.

Ela lhe olhava sorrindo condescendente, como se tratasse de uma criança, e respondia: “Não podemos saber o que é Deus, mas sim podemos saber o que não o é. Não é injusto, não é colérico, nem vingativo, porque estes defeitos são próprios da imperfeição humana. E deduzindo que o Criador deve ter todos os atributos em grau infinito, não cabem aqui nem privilégios, nem se equivocar. A infinita justiça, nega a mais remota possibilidade de castigo eterno”.

QUESTIONAMENTOS

Dora tinha a grata sensação que o credo que por muito tempo lhe havia confundido e assustado fazia a sua esperança não terem nenhum valor. Com insistência exigiu de seus avós a confirmação de alguns acontecimentos mediúnicos acontecidos no seio familiar, pois anteriormente ao escutar seu relato, não os havia prestado a devida atenção.

Em 1928 seu tio Antônio, que na época estava com dezessete anos, um dia abandonou o lugar paterno, sem avisar e sem deixar sinais. Seus pais, como é de se esperar, inquietaram-se exacerbadamente. O jovem não aparecia e alguém lhes comentou sobre uma conhecida médium que morava em Barcelona. Em estado de transe a médium (uma bondosa senhora que não desejava remuneração) revelou o local exato onde vivia o jovem, nome da rua e número, completando que trabalhava de pedreiro na construção de pavilhões que abrigariam a Exposição Universal de Barcelona.

Buscar uma pessoa de paradeiro desconhecido em uma grande cidade equivale a encontrar uma agulha num palheiro, mas nesta situação, assistido pelo fenômeno mediúnico, resultou ser como um jogo infantil. A família recordava-se sempre deste fato como algo extraordinário. Ao jovem Antônio lhe assombrou grandemente que o haviam encontrado e mais ainda quando ele soube que sabiam de seu esconderijo, uma vez que não contara a ninguém. A aventura do adolescente terminou ali e confessou que no fundo se sentia envergonhado e não se atrevia a voltar para sua casa paterna e aos irmãos pois se considerava muito inferior.

A capacidade de vidência de tia Montse desde sua mais tenra idade, era outro caso a levar em consideração. A menina passava longos tempos a brincar com suas bonecas, no balcão de seu quarto. Do outro lado da estreita rua se podia ver o pátio de um casarão vazio. Ela tinha pouco mais de quatro anos quando começou a explicar para sua mãe que os velhinhos do pátio abandonado em frente saíam para tomar sol, sentando-se em um rústico banco. A mãe lhe olhava estranhamente o pátio abandonado, mas Montse confirmava todos os dias a existência do velho casal, descrevendo-lhes com todo tipo de detalhes, de roupas, gorro e alpargatas do avô e a manta negra cobrindo a cabeça amarrada embaixo do queixo da mulher.

José e Emilia consultaram um centro Espírita, para saber o que acontecia com sua filha. Feitas as devidas indagações comprovaram que o vizinho casarão fora habitado por um casal que falecera anos atrás, antes do nascimento de Montse. Evocados estes seres pelo grupo espírita, lhes ajudaram a reconhecer seu estado espiritual, invocando-lhes a escutar primeiro aos seus guias a abandonar o plano físico. A pequena não voltou a ver aos velhinhos, queixando-se às vezes de sua ausência. Mas jamais esqueceu esta experiência.

Em 25 de outubro de 1934, Dora e sua mãe pararam uns dias no local onde viviam os tios de sua mãe. Seu estado de saúde bastante precário, assim o requeria. Aquela noite ela sentia dificuldade de dormir, sentia-se inquieta. Sua filha dormia placidamente em sua cama. De um momento para outro o quarto se iluminou e a figura do jovem Antônio apareceu, nítida, diante de sua cunhada: “Não se assuste Cecília, sou eu, que venho despedir-me, mas tu e eu não

tardaremos a nos reencontrar”. A jovem viu como o irmão de seu marido se aproximava sorridente e dava-lhe um beijo em sua testa.

Depois disso o quarto voltou a ficar escuro e a mãe de Dora surpreendida ao extremo pelo extraordinário acontecimento, acendeu a luz de mesinha e olhou as horas. Eram duas horas da madrugada, sua filha seguia dormindo e nada parecia perturbar o silêncio da noite.

No dia seguinte quando foram comunicar-lhe o falecimento do jovem, Cecília disse que sabia a mais de seis horas que sabia do acontecimento.

Sempre que a família recordava deste episódio não deixavam de mencionar, tal como Antônio anunciara, que a mãe de Dora não tardou mais do que três anos para desencarnar e voltar ao plano espiritual.

A HORA DO ENCONTRO

Na primavera de 1949, Dora conheceu a Josép, o homem de sua vida e este relevante acontecimento mudou, fundamentalmente, a existência de ambos. O encontro, sem a menor dúvida, estava planejado desde que encarnaram. Um profundo sentimento de amor aflorou com força e iniciaram uma longa trajetória, entrelaçando idéias e aspirações. Sem discrepância, com irrefreável ímpeto lançaram-se ao estudo racional e avalizado posteriormente por comprovações, sobre a supervivência do espírito depois da morte física. Não prevaleceu, neles, um outro objetivo maior e tal dedicação prestavam firmeza e segurança as suas convicções.

O casamento deles, desenvolveu-se sempre sobre as sólidas bases de amor, sinceridade e respeito.

Ao término de abril de 1953, Dora viveu uma experiência inegável. Faltava um mês para seu casamento e fazia um ano que a convivência com seu pai e sua mulher tornara-se insuportável. Eles, sem motivo exceto algumas cenas, absurdos e infernais discussões, colocaram-se contra seu casamento com Josép. Aquele dia, seu pai ao ver que não conseguia dobrar a vontade de sua filha e enraivecido diante de sua impotência, chegou a usar de violência física.

Dora, assustada ao extremo e machucada, buscou de imediato o apoio de seus avós. Um estranho tremor agitava-a acompanhado de sudorese e náuseas, prévia do que resultou ser uma cólica hepática, segundo o diagnóstico feito pelo médico em sua cabeceira. Horas mais tarde o pai de Dora colocou a cabeça pela porta do quarto da enferma para continuar seus disparates e insultos, sem a menor consideração. Ela, desalentada chorava convulsivamente. Quando

olhou e viu que seus passos se aproximavam, rogou: “Deus meu, até quando há de durar esta situação? Tudo isto não aconteceria, sei muito bem, se minha mãe estivesse ao meu lado...” Então, em meio as suas lágrimas, apareceu com toda claridade, o rosto sorridente de sua mãe. O rosto amado, adorado, jamais esquecido, radiante como se a luz do sol o iluminasse, estava ali olhando para ela ternamente. O coração de Dora batia com força e por uns momentos lhe pareceu que faltava ar para respirar. A imagem então se desfez deixando-a envolta em uma paz infinita.

A jovem tentou muitas vezes reproduzir, com a imaginação, aquela consoladora visão e, não lhe foi possível. A imagem surgia borrada, sem cor e lhe faltava luz, mas acima de tudo carecia daquela realidade impalpável que havia acelerado as batidas do seu coração, entretanto captava a autenticidade daquela presença, cheia de amor, de sua mãe.

Para Dora este fato significou uma irrefutável prova de imortalidade que havia de repetir-se em duas outras ocasiões nas quais atravessava difíceis momentos. Sabia com antecipação que seus conflitos se resolveriam favoravelmente, porque pontual, a mãe cuidou de prestar-lhe a ajuda moral que ela necessitava.

Josép e Dora descobriram o quão difícil é medir a quantidade de ternura que pode gerar um recém-nascido. A chegada de seus filhos, um menino e uma menina num período de seis anos, lhes despertou um profundo sentimento de responsabilidade e, tentaram assumir ao máximo seus deveres como genitores, não deixando de lado nada que consideravam de vital importância para o bom desenvolvimento físico e espiritual de seus amados filhos.

No início de maio de 1954, teve lugar o momento obrigatório do batizado de seu primogênito. Em torno da pia batismal se encontravam reunidos os bisavôs, avôs, enfim toda a família mantendo-se atenta aos movimentos do bebê.

O padre perguntou quando a criança havia nascido e a parteira muito pesarosa, temendo o que poderia ocorrer disse a data. A voz do oficial disse: “Quinze dias! Sabem os pais desta criança que estão em pecado mortal? Esta criatura corre grande perigo, é um pagão que necessita que lhe tirem o pecado original e, sem renunciar ao demônio e suas obras...” O padre se aproveitou a contento em seu sermão falando a todos, indefesos e ao forçado auditório. Os que ali estavam presentes não ignoravam que ele estava utilizando-se de um privilegiado pedestal, apoiado e mantendo para ele o regime ditatorial do General Franco “General da Espanha pela graça de Deus”.

Na atualidade esta suposta higiene espiritual, parece que não é tão urgente, uma vez que as crianças são batizadas com vários meses de idade. Cabe perguntar, se antes era pecado mortal não batizar de imediato, por que não é mais agora? Só necessita ratificação aquilo que não é exato, errôneo desde o princípio, imperfeito, como toda doutrina humana. As leis divinas, por serem perfeitas, são imutáveis.

REFLEXÕES

O lugar no planeta Terra constitui uma valiosa aprendizagem, se estamos em condições de extrair as mensagens constantes que nos transmitem as experiências próprias ou de outrem e Dora não desperdiçava nenhuma. Obtinha das mesmas, as conclusões que lhe pareciam mais lógicas e tentava chegar ao fundo de qualquer questão, a experimentando ao máximo.

Diante da incompreensível morte de um vizinho há poucos dias, surgiram as inevitáveis perguntas sobre a situação mental dos bebês no céu. Seriam eternos recém-nascidos, por não terem chegado ao pleno desenvolvimento físico? E se,

pelo contrário, haviam crescido mentalmente, em que momento e como se daria esta mudança? Seria justo que um ser, sem esforço algum, pudesse desfrutar dos benefícios eternos? O amor infinito do Pai havia de gerenciar por lógica, igualdade de oportunidades.

Uma vez mais, unicamente, a lei da reencarnação é capaz de dar uma resposta justa. Através dela podemos compreender a Ordem e o Equilíbrio, que nos revela que nenhum ser tenha sido deserdado pelo Criador. Todos, o aceitando ou não, estamos unidos por um vínculo extraordinário: todos somos filhos da Criação.

O grande novelista Victor Hugo, reafirmou a pré-existência da alma e sua sobrevivência com estas simples mas profundas palavras: “La cuna tiene un ayer e la tumba tiene un mañana”.

Sabemos que Krisna, Buda, Sócrates e Jesus, fidedignas fontes de sabedoria, não escreveram nada. Seus aprendizados vem até nós, portanto, adulterados ou mal interpretados, sendo uma razão, para milhares de pessoas seguir sendo uma incógnita o sofrimento humano.

A morte de um ser querido representa, para seus familiares, uma separação mais ou menos dolorosa e cruel segundo a idade e circunstância em que ocorre. Dora viu, com o passar dos anos, que seus avós, aqueles queridos seres que sempre a haviam rodeado de carinho e atenção, inevitavelmente, sofriam a natural deterioração física que ocorre na velhice.

Chamou, em transe, a figura de Sócrates, o filósofo que, segundo Platão, foi um homem bondoso sábio e sereno... Recaindo sobre ele a acusação de não crer nos deuses da cidade e de comprometer aos jovens com seus ensinamentos de que somos seres imortais e tendo sido acusado e culpado foi condenado a beber cicuta. Ao conhecer este fato ele falou do tribunal de maneira sossegada, lembrando: “A natureza condenará meus juizes a mesma pena”. Quando seus discípulos lamentaram de que ele tivesse que morrer sendo inocente, perguntou: “Preferirias por acaso que ele fosse culpado?” Sua última recomendação é um valioso legado no qual ratificou sua crença na imortalidade da alma: “Fala sempre com propriedade. Não digam vamos enterrar a Sócrates, mas sim, vamos enterrar o corpo que pertenceu a Sócrates.”

Dora entendeu a mensagem e, ao partir suas dívidas ao mundo espiritual, por nenhum momento pensou que se despedia em definitivo. O avô José sofreu uma fratura de fêmur e após este acontecimento surgiram graves complicações. Esteve internado no hospital durante um mês, sem que lhe dessem medicações para dor ou calmantes, porque dizia que nada lhe doía. A última semana falou a Dora, muito emocionado, que se sentia feliz de poder regressar ao plano espiritual. Tinha plena segurança de reencontrar seus entes queridos: “Abraçarei aos meus filhos Antônio, Montse e a tua mãe Cecília, eu a queria muito...” Dora às vezes lhe contemplava em silêncio. Ele rezava de olhos fechados e sorria, abria os braços para agarrar com as mãos o vazio, alguma coisa lhe aproximava ao seu rosto e ele aspirava com prazer. “São flores Dora, me trazem flores...”

O espírito do avô se despediu com suavidade de seu corpo. Manteve até o último momento uma serena lucidez, portadora de tanta paz, que ajudou aos seus mais chegados solidificando a plena segurança de perpetuidade da vida.

Faz mais de dois mil anos, Cicerón, em honra de sua própria conveniência, conhecendo o benefício que lhe ofereciam seus pensamentos, defendeu o direito de aceitar a sobrevivência com estas palavras: “Se erro em crer ser imortal a alma do homem, com gosto e livremente erro; não quero que nada me tirem, enquanto vivo, este erro em que me deleito”.

PERPLEXIDADE

Dora estava persuadida de que a disparidade dos textos bíblicos provoca distintas reações em seus leitores, gerando incredulidade, confusão, fanatismo e inclusive uma fé solidificada, se renunciarmos a submetê-los um estudo racional – profundo.

Não se pode aceitar que seja palavra de Deus, o que segue: “E disse Jeová: Varrerei os homens que criei sobre a face da terra, desde o homem até o animal, e até o réptil e as aves do céu; pois me arrependo de os haver feito.” (Gen. 6,7).

Com esta afirmação fica nas entrelinhas a infinita Sabedoria do Criador, uma vez que leva a pensar que Deus desconhecia a qualidade de sua obra. Torna-se incompreensível ler que: “Jeová disse a Moisés: Pega todos os príncipes do povo e enforca-os na presença de Jeová e perante o sol, e o ardor da ira de Jeová se retirará de Israel”. (Nm. 25,4).

Este duro castigo, imposto aos que adoravam a Deus, obviamente invalida o “não matarás”. Em quantas infelizes ocasiões foi aplicada tortura e morte em nome de Deus?

Depois de tropeçar com tantas contradições no Pentateuco, que descreve um Deus amante de sacrifícios, senhor dos exércitos, que exige a adoração dos homens e se zanga diante de suas fraquezas, uma luz de esperança se vislumbra nas seguintes citações: “Quando o homem cair não ficará prostrado, porque Jeová segurará em sua mão”. (Sal. 37,23) e “Antes que me chamem eu responderei; estando ainda eles falando, e eu os ouvirei” (Is 65,24).

Diante da leitura do Novo Testamento, Dora ia anotando os textos com os quais não concordava, pois ao se entender, trazem dúvida e confusão.

É inegável que a Palavra chamada Deus, através dos séculos, foi sofrendo diversas transformações em quem sabe quantas emendas. Existem disparidades nas passagens que podem parecer mais simples. Os evangelhos foram escritos durante o primeiro século da era cristã, onde todo o sucesso por eles narrados deveriam estar claros e exatos para os autores, entretanto não é assim.

É bastante conhecida a passagem dos mercadores do templo. Os quatro evangelistas dizem que Jesus virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombos, citava as escrituras. João, inclusive, a ninguém ajudou para isto, fazendo um acerto de contas. Os escribas e sacerdotes eram os que tinham conhecimento da lei e permitiam, sem dúvidas, a favor de seus próprios interesses, o comércio dentro dos templos. A reprimenda, ou seja, apenas uma reprimenda, teria que se dirigir aos responsáveis desta infração. Não se concebe a Jesus trabalhando de forma tão agressiva, efetuando um ato que desminta sua própria mensagem. Ele recomendava aos seus seguidores a “mansedumbre”, a paciência, o perdão e o amor.

Desconcertantes são também, as versões que dispomos do evangelho de Lucas 22,70, Jesus ante o Sinédrio: “Logo tu és o filho de Deus?” E Ele lhes disse: “Vós dizeis que sou eu”. Em outra versão lemos: “Então, tu és o filho de Deus?” E Ele lhes disse: “Vocês que dizem, Eu sou”.

Na última tradução internacional, em Catlán, modificou-se o símbolo de interrogação por um símbolo de exclamação, o que equivale a uma afirmação. “Então, tu és o filho de Deus!”.

Qual destas três versões corresponde ao texto original? Tem-se um verdadeiro cabedal de possibilidades, onde cada um pode eleger de acordo com suas convenções e pontos de vista.

No texto em que se fala da crucificação, Mateus, Marcos e Lucas assinalam que “todos seus conhecidos e as mulheres que os haviam seguido desde a Galiléia, estavam de longe olhando todas as coisas”. Notável é a diferença com a qual

João cita a célebre frase de : “Mulher, aqui está teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Aqui está tua mãe”.

Evidentemente, esta cena foi transmitida com grande força no mundo católico. O que não se compreende é como a mãe de Jesus, pode estar longe e ao pé da cruz ao mesmo tempo. Nem tão pouco que tivesse que designar aos que já possuía. “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama Maria sua mãe e seus irmãos Jacó, José, Simão e Judas? Não estão suas irmãs com nós”? (Mt 13,55).

O relato da morte de Judas também é confuso. Mateus diz que Judas vendo que Jesus fora condenado devolveu, arrependido, as trinta moedas de pratas aos sumos sacerdotes e aos anciãos. E jogando as moedas de prata no templo, saiu e enforcou-se. Os sumos sacerdotes recolheram as moedas e como não era licito deixar o tesouro de oferenda, por ser preciso de sangue, compraram com estas moedas o Campo de Alfarero como local de sepultura para os forasteiros.

Entretanto, no primeiro capítulo dos Feitos dos Apóstolos, lemos que Judas com as moedas de sua traição, comprou um campo e caindo de cabeça, esborrachou-se ao meio e todas suas entranhas se derramaram. Serve o comentário de tão desagradável acontecimento, para destacar a inexatidão de ambas citações. As perguntas são: quem comprou o campo, os sacerdotes ou Judas? E como morreu o desventurado discípulo, enforcado ou arrebentado?

Os intérpretes e tradutores dos evangelhos deveriam ter levado em consideração que, com o tempo, as escrituras estariam ao alcance de todos os povos.

MESTRES

Josép e Dora, após um determinado tempo de troca de idéias, convenceram-se de que para conhecer qual deve ser o correto comportamento humano, é imprescindível estudar minuciosamente as mensagens dos Mestres.

Os seres humanos têm o direito a uma informação fidedigna e as religiões, sem dúvida, junto às raízes dos ensinamentos dos Grandes Mestres, consentiram no desenvolvimento em abundância, a densa maldade de seus dogmas, filhos do orgulho e da ignorância. Apesar disto, por mais obscuras que sejam as nuvens que encobrem as horas dos dias, o Sol sempre está aí , difundindo luz e calor.

O ponto de partida deve ser o reconhecimento do Amor Infinito da Causa Primeira. Todo o conceito ou postulado que não destaca o princípio da Sabedoria e Igualdade, forçosamente se desmanchará em sua base por mais que se pretenda sustentar-lhe com ostentação, mas também com débeis argumentos.

Assombrosa é a semelhança entre a mensagem dos enviados. No Bhagavad Guita, que significa “O Canto do Senhor”, Krisna disse: “A sabedoria espiritual consiste na humildade, modéstia, bondade, misericórdia, retidão, obediência, pureza, perseverança, domínio próprio, despego e altruísmo”.

“Podeis alcançar a bem-aventurança suprema de duas maneiras: a primeira é a justiça de pensamento e a segunda é a justa ação. Que cada um cumpra sua ação segundo sua tendência e a conformidade das qualidades superiores de seu caráter.”

“Sou o mesmo para todos os seres. A ninguém prefiro nem aborreço. Pede e receberás. Em toda oração me faço presente”.

Confúcio queria que os povos vivessem em paz e aconselhava a humildade e o amor. “Quando sabemos algo, é sábio reconhecer que não o sabemos”. “Não faças aos outros o que não deseja que os outros façam a ti”.

Buda em sua prédica usava a compaixão. Sabia que ela era a manifestação do amor e clamava: “Bem aventurados aqueles cuja conduta é pacífica, honesta e pura”.

E Jesus exclamava: “Sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai é perfeito”. (Mt. 5,48). “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também; porque esta é a Lei e os profetas”. (Mt. 7,12)

O ensinamento é único pois provém da mesma Fonte. Escutemos a todas e a cada uma das Vozes com o mesmo respeito. Só temos que adequar sua linguagem aos conhecimentos presentes, que marcam diferentes formas de expressão.

As mensagens, para nos recordar, são palavras que só tem força se as colocamos em prática seus ensinamentos. São luz que podem iluminar a mais densa escuridão, mas cabe a nós mesmos abirmos as janelas do espírito e contemplarmos o horizonte, longínquo mas real, que nos chama. A tão desejada paz na Terra, está ao nosso alcance.

Vive em nós, presente em todos os momentos. Não exige maior esforço do que entremos em meditação, deixando de lado vaidades humanas, liberta-nos de egoísmos e rancores, sacudindo-nos de jogos mesquinhos do ódio, concluindo por nos convertermos nas mensagens vivas dos ensinamentos dos Mestres.

Enquanto não sermos um exemplo palpável de Amor feito obras, contudo mesmo que este Amor não nos impulse a estender a mão a todas as criaturas, mesmo que em nome de Krisna, Buda, Confúcio ou Cristo, sentindo-nos superiores, discriminamos ao próximo, ao contrário de nos orgulharmos da claridade que fazemos, nos envergonhamos da esmola que damos, desenganemo-nos, pois não compreendemos com toda sua magnitude a sabedoria das mensagens.

Não podemos permitir por mais tempo o luxo de seguirmos atrasando o processo evolutivo do planeta. De queremos que a paz reine em todos os povos, urge que dialoguemos apoiados na Lei da Reencarnação, que une a todos os seres. Ela nos diz que não existe castigo algum, nem atemporal nem eterno, mas nos obriga a reparar as transgressões. As vicissitudes, mais ou menos difíceis e dolorosas, que cada ser humano, sendo o resultado de seus próprios atos, a Lei da Consequência unida a necessidade imperiosa de superação espiritual nos impulsiona a corrigir preteridos erros. Somos obrigados, portanto, a entender que é assim simples, tão simples como as mensagens dos Mestres, que insistem sobre a conveniência de converter numa realidade o amor fraterno.

PABLO DE TARSO

Dora estava consciente de que não é possível comentar em umas poucas linhas, a obra de Pablo de Tarso, a quem devemos o Hino a Claridade, em sua primeira carta aos Coríntios. Ele demonstrou ser um espírito forte e valente. Dedicou-se com ardor e obstinação a seguir aquela nova seta que seguia os ensinamentos do Nazareno, mas não empregou menos ímpeto e convicção a hora de converter pagãos. O incansável apóstolo tinha pressa, acreditava na vinda do Senhor tão próxima que, ingenuamente, escreveu aos tessalonicenses: “Logo nós, os que vivemos, os que ficamos, seremos arrebatados juntamente com eles (os ressuscitados), entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor (1 Ts 4,17)”.

Faz 2.000 anos que são transcorridos e tão entusiasmada proclamação não se cumpriu, prova irrefutável que este tópico deixa muito de ser profético. Pablo em suas epístolas, reiteradamente, induz, repreende, fala de amor, de deveres, de salvação por graças e condenação eterna. É evidente que nunca se pode sustentar a força de suas profundas raízes farisaicas e seguia conservando a idéia de um Deus partidário: “De modo que, quem Ele quer, tem misericórdia e quem Ele quer endurecer, endurece”. (Ro 9,18).

E ratificou com esta passagem: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorifique.” (Ef 2,8)

Esta citação se opõe a muitas outras da mesma Bíblia, que por sua lógica adquirem maior valor e autoridade. “Tu educas o homem, castigando suas culpas”. (Sl 39,12) “E tua, oh Senhor, é a misericórdia; porque pagas a cada um conforme suas obras.” (Sl 62.12).

Cabe recordar aqui a parábola do filho pródigo que relata o evangelista Lucas e, que por não ser tão conhecida, é menos consoladora. O filho, ávido por liberdade, abandona sua casa paterna empreendendo-se a viver unicamente de suas custas. Mas em sua recém adquirida independência adoece de falta de experiência. Loucamente, portanto, deteriora sua herança e acaba sumindo na miséria. É nesta situação que sente saudade do local paterno e decide regressar para suplicar o perdão e apoio. Seu pai, com indisfarçável alegria, recebe o filho extraviado e de tal modo é sua felicidade que converte este dia em uma festa.

Em nenhum momento esta parábola nos fala de “graça”. Ao contrário, deixa bem explanado que é o filho quem causa sua dolorosa experiência e, volta arrependido junto a seu pai, por sua própria decisão.

Se os espíritos regidos pela Lei da Evolução, iniciamos a espiral de nosso crescimento moral a partir da simplicidade e ignorância; se a tentamos, tropeçamos, caímos e nos lastimamos; se nos fundimos aos abismos de todos os desacertos humanos; se envoltos abaixo de todo peso de horríveis culpas, um dia desejamos emergir destes sentimentos mesquinhos, pequenos e envergonhados, não encontramos razão alguma para que, no porvir dos tempos, possamos “glorificarmo-nos” de nossas ações quando estas são boas.

León Denis em seu livro “Cristianismo e Espiritismo” disse categoricamente:”Porque Deus, que é a justiça absoluta, não pode querer a condenação, nem a salvação pela “graça” ou por méritos de um salvador, se não a salvação do homem pelas suas próprias obras...”

Só podemos aceitar a possibilidade do dogma da salvação pela graça com óbvia redução da Igualdade Divina. Se assim fazemos, nos encontraremos frente a incrível caricatura de um deus de minguados atributos. E voltaremos a fazer inumeráveis perguntas que não tem respostas razoáveis. Porque está aí, presente, vivendo conosco, a dor humana; esta desagradável hóspede que chega sem avisar e se acomoda em nossa vida sem que, na maioria das vezes, possamos afugentá-la. Chegando a este ponto, nos lançaremos em rebeldia, lamentando a injustiça que significa a notória desigualdade de condições que sofremos nós mortais. Isto equivaleria a voltar a cair em um turbilhão de desordem e confusão.

Allan Kardec, na pergunta 199 de sua obra “O Livro dos Espíritos” declara o seguinte:” Por meio da reencarnação, se estabelece a igualdade à todos. O porvir pertence a todos sem exceção e não há favores para ninguém. Os que chegam últimos, só podem atribuir isto a si mesmos. O homem deve ter o mérito de suas ações, assim como lhe cabe a responsabilidade por estas”.

Dora encontrava persistente e incômoda a insistência das Testemunhas de Jeová, pretendendo que acordemos com ódio de sua mensagem de salvação. Eles têm muita pressa pois crêem que se nos esgotam as oportunidades e não perdoam as ocasiões apelando, uma ou outra vez, para a mesma porta. Manejam a bíblia com habilidade e dela extraem os versículos mais de acordo com suas crenças. Tentam aproveitá-la por inteiro, num imenso esforço de aceitar, inclusive, o inadmissível. Temos que reconhecer que este famoso livro oferece grande leque de interpretações.

As Testemunhas de Jeová, dispõem de um conhecido órgão de difusão, a sua revista “Despertar”, que usam para entrar em contato com possíveis “prosélitos” e serve, ao mesmo tempo, para afugentar possíveis argumentos que surjam a medida que sejam examinados.

Em Gênesis, ele fala do diabo, através de uma serpente, induzindo Eva a desobedecer a proibição de comer o fruto da árvore do bem e do mal. Deste relato podemos deduzir que, anteriormente, Deus havia criado alguns anjos que saíram a contestá-lo, uma vez que cheios de orgulho e necessidades rebelaram-se contra Jeová. Desde então os demônios, em guerra declarada, cometem impunemente todo tipo de atos. “Deus” cujo poder é a todas as luzes muito limitado, não pode de maneira nenhuma impedir os assédios dos inimigos, atentando aos pobres mortais a inevitavelmente descumprir as leis divinas.

Ou seja, confirmam que Deus não tem sabedoria infinita, uma vez que não poderia prever o nefasto comportamento dos anjos caídos, nem as mal feitas consequências que sofreria, posteriormente, toda raça humana. De onipotência, muito menos, pois sua obra se encontra estragada por este ponto de destruição, sem poder remediá-lo.

E o que dizer sobre a perfeição de Jeová? Ficou escrito em Eclesiástico, 16 “Misericórdia e ira estão com Ele, tão poderoso em perdoar como em sua ira.” A raiva é um defeito de seres imperfeitos. Arrebatado de raiva, fúria ou cólera, qualquer uma destas emoções indicam o contrário de tenacidade. Gratuitamente a ignorância humana tem atribuído a divindade limitações sem nomes. É incompreensível que ainda hoje, muitas doutrinas continuam sustentando estes erros. As testemunhas de Jeová, empenham-se em provar a imortalidade da alma, indo aos extremos buscar as mais absurdas e insustentáveis explicações, acerca da origem das mensagens que dizem os espíritos através de distintas mediunidades. “Se a alma, dizem com a bíblia nas mãos, se a alma não é algo que segue vivendo depois da morte física, é impossível que os vivos possam se comunicar com elas. De modo que as supostas manifestações espirituais são obras exclusivas do mesmo Satanás e sua corte de espíritos malignos.” Infantil este argumento, pois mostra quão arriscado é falar de um tema que se desconhece. Depois de estudar as obras de Allan Kardec, o fundador do Espiritismo e outros autores, ninguém poderá atribuir ao demônio os fenômenos espirituais.

O demônio não existe, teria que tê-lo criado Deus e Ele não poderia equivocar-se. Sim, existem espíritos inferiores, pela simples razão de que são seres que estão evoluindo, mas com tempo, superadas todas as etapas necessárias, chegarão a ser espíritos puros.

Os espíritos inferiores não são os únicos que podem comunicar-se com os moradores da Terra, buscando em sua maioria das vezes, descanso para seus tormentos. Deus permite que os espíritos bons se aproximem de nós para trazerem mensagens certas de esperança e consolo. Eles são a prova irrefutável da imortalidade, esclarecendo a própria incógnita do sofrimento humano, e induzem ao crescimento espiritual praticando o Bem, único meio de alcançar a Paz.

Podem ser estes os ensinamentos do Diabo?

De maneira nenhuma, pois ele estaria violando seus próprios interesses, ao converter-se em porta voz da existência de Deus e da necessidade de cumprir suas leis.

Prova da diversidade de espíritos que podem comunicar-se com os mortais, é esta sábia advertência “ Amados, não os fiéis de qualquer espírito, mas examinai se os espíritos vem de Deus”. (1 Jn 4)

É fundamental reforçar a necessidade de estudar seriamente “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec para informarmos com toda exatidão, sobre os benefícios e riscos que acometem estas faculdades mediúnicas. Há pessoas que ignoram possuí-las, o que lhes acarreta uma série de problemas, dúvidas, confusão e inclusive o temor de sofrer tormentos mentais por desconhecer a origem de suas percepções audiovisuais. Ao contrário do que se supõe, são os ensinamentos Espíritas que auxiliam estes médiuns a desenvolver e encontrar o equilíbrio e a calma interior, conseguindo que voltem a viver com normalidade, todas as suas atividades cotidianas.

As testemunhas de Jeová asseguram que a Bíblia, ou assim o tem incluído na sua, os dizeres: “Não vos volteis aos Médiuns espíritas...” (Levítico 19,31).

É curioso ao extremo “ler” esta frase na sua versão no antigo testamento. Uma vez que a palavra Espiritismo tem pouco mais de 143 anos e devemos sua existência a Allan Kardec, que a utilizou pela primeira vez para designar a doutrina Espírita. É provável que as Testemunhas ignorem este importante requisito, uma vez que imprudentemente, tenha sido acrescentado o mencionado vocábulo a sua particular interpretação da bíblia. Todavia, impelidos pelo fanatismo doutrinário para combater a crença na imortalidade da alma, não vacilaram em fazer notório, sem conhecimento de causa, que “consultar médiuns, perguntar aos mortos ou buscar presságios, são praticas espíritas. Algumas formas de adivinhação são da astrologia, da quiromancia, consultar uma bola de cristal, interpretar sonhos e ler cartas de tarô. A tudo isto a revista “Despertar” chama de “algumas formas de espiritismo”.

Com respeito a interpretação dos sonhos, cabe destacar a um famoso interprete, José o primeiro filho de Jacó, segundo relata Gênesis. Quando seus companheiros de prisão lhe perguntaram se poderia interpretar o significado dos seus sonhos, ele contestou: “Não são de Deus os sentido ocultos?”. Conhecido é o episódio das sete vacas gordas e sete vacas magras, tanto que até hoje utilizamos esta referencia para nos referirmos aos tempos de fartura e escassez.

Estarrecido o Faraó com a exatidão com que José prescreveu a mensagem de seus sonhos comentou: “Por acaso encontraremos outros como este que tenha o espírito de Deus?”

O evangelista Mateus escreveu que em quatro ocasiões, um anjo apareceu nos sonhos de José, marido de Maria, primeiro para não repudiá-la pela gravidez. Depois prevenindo sobre as péssimas intenções do rei Herodes, indicando-lhe que fosse ao Egito com sua família. Mais tarde notificou a morte do rei, sendo que poderia voltar a Israel porque Jesus não correria perigo algum. E uma vez ali, o anjo aconselhou-o que este se instalasse na Galiléia, na cidade de Nazaré.

O Espiritismo não pode evitar que um bom número de pessoas se auto-intitulem médiuns e videntes e ofereçam seus serviços para obter lucro, sem conhecer ou pertencer à doutrina espírita.

É justo, entretanto, distinguir os que se dedicam honestamente a prestar ajuda moral e, por meio de alguma das práticas chamadas adivinhatórias, clamando a inquietação de seres que vivem situações dolorosas e incertas.. Por seus frutos se conhece a árvore!

É preciso demarcar que o Espiritismo não aceita nenhuma destas práticas. A crítica é saudável quando denuncia possíveis erros, após haver observado de forma imparcial. Se não se cumprem os objetivos de polir conceitos e formas de proceder, a crítica converte-se em uma arma destrutiva e ruim porque desqualifica propositalmente as pessoas ou doutrinas.

A GRANDE ALTERNATIVA

Dora observava como sua filha escolhia entre um monte de peças de distintas formas e cores, a que precisava para reproduzir o modelo do quebra-cabeça. Pouco a pouca surgia uma bela paisagem, um céu com rosadas nuvens, um monte ao longe, um vale no qual se vislumbrava uma pequena aldeia e em um plano via-se mansas águas de um riacho onde em sua margem cresciam frondosas árvores; em sua margem esquerda, dois jovens pastoreios vigiando atentamente a uma meia dezena de ovelhas. Para poder apreciar o quadro em sua totalidade, é imprescindível que não falte nenhuma peça e que todas estejam dispostas corretamente em seus lugares, ou não sendo assim apareceria uma paisagem incompleta, um amontoado de inexpressivos vazios.

Dora invocou a base e conceitos que sustentam a maioria das religiões e sorriu. São tão infantis e inconsistentes que não resistem ao livre exame. Faltam as peças importantes para revelar com maior precisão o grande enigma da vida e da morte, esta palpável realidade por todos conhecida e a qual ninguém pode escapar.

Nossa efêmera passagem pela Terra e as diferentes situações que nos envolvem, possibilitam admitir que nascemos com um plano pré-concebido. Observando os efeitos, deduz-se logicamente que procedem de uma causa. A pré-existência

da alma, dotada de livre arbítrio e seu equivocado comportamento no passado, apontando a caminhada que se percorrerá, com mais ou menos dificuldades, no presente e em existências futuras, segundo seu desenvolvimento moral. Descartar o ato irrefutável da evolução dos espíritos através da lei de Reencarnação, equivaleria a negar a justiça divina.

A crença em apenas uma vida, é relativamente recente, aparecendo nos primeiros séculos do cristianismo, esta doutrina que a ignorância ou interesse pouco louvável de seus dirigentes, tenham deformado sensivelmente. Em relação as penas futuras, o inferno pagão era mais equitativo com os condenados que caíam nele. As penas se aplicavam de acordo e, no Tártaro, segundo a culpabilidade das desordens cometidas.

No ano de 593, a igreja católica com a intenção de corrigir ou suavizar a dureza das penas inventou o Purgatório, um lugar onde se poderia pagar os pecados venais. A raiz disto é o escandaloso comércio de indulgências, onde com esta ajuda se vendia a entrada para o céu. O interessado tinha a opção de abonar de seus erros cometidos na vida e designar outra pessoa para os cumprir, depois de sua morte. Este abuso foi a causa da primeira reforma. Entre outras coisas, Lutero, não estava de acordo com as orações pagas.

Quão certo é que nada há de novo embaixo do sol! No segundo livro de Macabeos, capítulos 12, 43, 46, do Antigo Testamento, se cita um precedente: “Judas, depois ter reunido entre seus homens cerca de dois mil dracmas, mandou-as a Jerusalém para oferecer um sacrifício de pagamento de dívidas em favor dos mortos, para que ficassem livres de pecados”.

É obvio que se recorremos a este subterfúgio é para alcançar a eterna glória. O difícil é escapar da condenação eterna a qual os seres humanos podem tornar-se credores, pelos mais distintos deslizes.

Célebre é o final da personagem de ficção, Don Juan Tenório, que se livrou da condenação eterna ao ver passar seu próprio enterro, tendo assim a total segurança de supervivência da alma e arrepende-se dos seus múltiplos crimes e maus costumes. A habilidade de Zorrilla de calcular que seu protagonista poderia ser liberto cinco minutos antes de morrer, também merecia sê-lo depois de seu corpo morto. Uma inspirada e poética mensagem.

As aprendizagens que Dora recebera em sua infância, diziam que é um pecado mortal faltar à missa num domingo, por exemplo: chegava-se a morte sem saber, sem conceder devido tempo para arrependimentos, se adquiria o direito de ser hóspede perpétuo do antro infernal. Se a Igreja predicou esta “minúcia” com o intento de atemorizar sua clientela, o conseguiu amplamente. Cumprido este objetivo se concluiu, parece, que assegurar a existência de um castigo eterno, que sempre guardaria maiúscula proporção com a falta cometida, é admitir também, automaticamente, que a Bondade e Justiça divinas não são infinitas, de acordo que tenham um limite. Nunca se insistirá de suficiente maneira em denunciar tamanha injustiça.

Dora fez um bico de desagrado. As peças do quebra-cabeças doutrinário não se encaixavam. A humanidade têm três alternativas: A nada, a absorção (panteísmo), ou a individualidade da alma antes e depois da morte. Nada é silêncio, imobilidade, vazio e destruição. A doutrina que precisa de absorção no todo universal, assinala que a alma perde sua individualidade ao submergir no infinito, como uma gota d’água no oceano. De que lhe serviria a alma, seus esforços para melhorar se negamos o direito de conservação do seu eu?

Tão pouco auxilia a idéia de uma só vida, pendente de mil situações equitativas, sem resposta satisfatória, que conduz a um final infeliz e irrevogável.

Diz Allan Kardec em seu livro “O Céu e o Inferno” capítulo 1,8 “ Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira sem que a condição de satisfazer a razão e dar conta de todos os feitos que a envolvem. Se somente um fato vem a desmentí-la, é porque não possui a verdade absoluta”.

Segundo esta premissa o mais prudente é rechaçar qualquer doutrina que não reúna tais condições onde um exame profundo deixará descoberto a inexatidão de seus postulados.

Quando alguém desconhece a raiz profunda da Reencarnação, cabe comentar que é injusto viver situações dolorosas por um mau procedimento que “outra” pessoa teve em um tempo mais ou menos distante. Esta queixa se formula ao não captar que não se trata de outra pessoa, mas sim do mesmo Espírito utilizando distintos corpos e criando circunstâncias adversas em virtude de seu livre arbítrio. De outro modo, acaso seria mais justo viver, às vezes desde a mais tenra idade um azar cruel e caprichoso, fazendo-se necessário aqui, utilizar o raciocínio para encontrar as devidas respostas.

Empédocles, filósofo grego nascido no ano de 492 antes da era cristã, admitiu a reencarnação das almas como processo de purificação. A evolução do gênero humano é lenta, mas Jesus que conhecia esta lei assegurou: “ Toda

planta que meu Pai Celestial não plantou será arrancada”. (Mt 15,13). Isto acontecerá quando a imensa maioria dos habitantes do planeta Terra prescindir da ajuda moral de guias cegos.

A HUMANIDADE E SEUS DEUSES

Dora sabia que desde as mais remotas épocas, os povos primitivos estavam envoltos em espessa camada de neblina em sua ignorância, motivados pela débil luz que iluminava sua capacidade de compreensão, em tal princípio de raciocínio, reconheceram nos mais distintos elementos da natureza, forças superiores. Impotentes para vencê-las, submeteram-se a elas dando-lhes nomes e oferecendo-lhes todo tipo de sacrifício para acalmar suas iras e obter compensações, como o nascer do sol todos os dias, receber o benefício da chuva ou o cessar de ventos e tempestades. Um grande número de deuses, semideuses, heróis, mitos e lendas enriquecem a história dos povos e suas profundas raízes se perdem na noite de ancestrais tempos.

Em um momento oportuno, quando os seres humanos estavam mais ou menos preparados para assimilar os primeiros ensinamentos, apareceram os Mestres idôneos, ensinando aos seus pequenos alunos, o caminho a percorrer.

Tal como estava escrito, o Messias devia nascer na casa de Davi. José o carpinteiro, se era descendente de dito rei, o que se deduz de que alguém estava enganado, porque se Jesus havia sido concebido pelo Espírito Santo, geneticamente não poderia ser considerado filho de Davi. “Sobre vosso filho, nascido de linhagem de Davi segundo a carne” Pablo em Ro 1,3.

Outra grande confusão pode ser percebida em Isaías 7,14 “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e

lhe chamará Emanuel. O termo hebreu “almah” refere-se a uma moça ou jovem recém casada, mas sem contar isto. A versão grega traduz jovem por virgem”.

No ano de 431 o Conselho de Efeso, parodiando os melhores tempos da mitologia, estabeleceu como divina a maternidade de Maria. Partindo do princípio de que o povo já não exercia o uso de exame, ficando comprovada a idéia por absurda que seja, primeiro por quem detinha o poder, depois a impondo e com o passar dos tempos sendo aceita por grande maioria.

Cabe-nos perguntar até que ponto são confiáveis as seguintes indiscrições íntimas do matrimônio de José e Maria: “Contudo, não a conheceu enquanto ela não deu à luz ao primogênito e lhe deu o nome de Jesus”. (Mt 1,25) Este texto além de negar uma “virgindade perpétua”, abre espaço para falar dos irmãos do Mestre.

“Depois desceu a Cafarnaúm com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos” (Jo 2,12).

Convertida polêmica desatou o dogma da trindade, sem dúvidas é a autoridade do próprio Jesus quem a manifesta, em profusão, que ele não é Deus.

“Porque de Deus eu saí, e vim e não de mim mesmo, mas Ele me enviou” (Jo 7,33).

“Se me amasseis, alegrar-vos-eis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.” (Jo 14,28).

“Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar”. (Jo 12,49)

“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”. (Jo 7,17)

“E a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14,24).

Allan Kardec em seu livro “Obras Póstumas” faz um completo e profundo estudo sobre a natureza de Cristo e comenta: “Desde o momento em que nada faz por si mesmo, mas sim como pela doutrina insigne não sendo sua, mas que a recebe de Deus, que mandou que ele viesse para a conhecermos, desde o momento em que só faz o que Deus lhe deu poder para fazer e que a verdade que ensina a aprendeu com Deus e cuja vontade esta submetido, Cristo não é o mesmo que Deus, mas sim seu enviado, seu messias e seu subordinado.”

Cristo reiteradas vezes, insiste em que não somos órfãos, pelo contrário, nos fala de um Pai de Amor e Bondade a quem devemos nos dirigir dando seu nome para chamar e “cotidiano pão” alimento do corpo e força necessária para não “cairmos em tentação”.

“Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem!”. (Mt 7,11).

E ao traçar o tipo de conduta que mais convém, assinala: “Portanto, sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.” (Mt 5,48).

Fica evidenciado que Jesus teve marcado interesse em ressaltar a expressão “vosso Pai que esta nos céus” a fim de que não nos esqueçamos de quem procedemos.

A máxima revelação teve lugar depois de sua morte física quando apareceu para Maria Madalena e, categoricamente, sem deixar a menor dúvida declarou: “Vá ter com meus irmãos, e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus”. (Jo 20,17).

O Mestre nos incita a ser perfeitos, mas admite os diferentes e distintos graus de inferioridade moral do gênero humano, é impossível pensar que se pode alcançar a perfeição em uma única existência na Terra, por mais longevidade que tenhamos. Assim que se torna imprescindível aceitar o processo de múltiplas existências, sempre solidárias umas com as outras para que se cumpra a Lei da Evolução Espiritual.

“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai”. (Jo 14,12).

Nesta significativa passagem, Jesus, se desnuda de que não é Deus, pois se nós pudermos fazer “obras maiores que ele” equivaleria a possuir uma ilimitada capacidade para poder superar “as obras de Deus”.

A humanidade acredita ser uma grande expert em fabricar deuses. Divide e volta a dividir, uma e outra vez, as mesmas mensagens. Com a intenção de engrandecimentos, iluminando o turno, se atreve a retocá-los, esclarecê-los, segundo seus critérios, buscando as mais inverossímeis respostas, nos pontos menos crédulos, aqueles que não resistem a uma análise racional. Agora, praticamente todos os desentendimentos religiosos se flagram elaborando, cada qual, seus livros sagrados e suas consequentes e convenientes citações, antimatizando em seu nome o oponente.

Os chefes de todas as crenças religiosas que procedem de um mesma ramificação, asseguram que Há mais coisas que os unem do que os separam, mas sem dúvidas, longe de parecer uma atitude conciliadora, demonstram que “este pouco” é um muro intransponível, porque cada um diz ser o único caminho disponível e de verdadeira salvação.

Os sofridos e incautos, balançados por temor e espanto devido aos “castigos” aos quais podem ser credores ao tentar estudar outras opções, ficam envolvidos pelo emaranhado da fé cega. Nega-se a eles o livre arbítrio, ficando assim paralisados e longe de um caminho que conduz ao conhecimento de uma Verdade maior, a qual nos faz livres.

Não podemos ser escravos da insegurança, se sabemos que somos filhos de um único Pai de Amor infinito, nos convertemos todos em legítimos herdeiros da Vida crescente, plena, inacabável... e merecedores do mesmo indiscutível destino!

DAS MEMÓRIAS DE DORA

No verão de 1999, Dora recolheu um bom número de recortes de jornais que falavam das últimas declarações do papa Wojtyla, onde este declarava não existir o clássico céu e inferno. Espalhando os artigos sobre sua mesa de trabalho, o conteúdo destes, despertou de imediato um impulso que teve a virtude de devolvê-la aos acirrados dias que seguiram o término da guerra civil espanhola. O colégio regido pelas freiras, sob o amparo da mais severa ditadura, acolhendo a este privilégio, propagando a destruidora idéia de um atroz inferno para os que haviam falecido durante este período, sem os auxílios espirituais exigidos pela igreja.

Dora reviveu todo o terror e sufoco que se apoderaram de seu infantil coração, pensando na terrível sorte de sua mãe querida, após sua morte. Agora, em sua maturidade, não pode conter a tormenta de queixas, censuras e argumentos que existiam dentro de si e a irritavam em seu diário.

“Julho de 1999 os meios de comunicação informam que o papa Wojtyla parece ter feito uma importante descoberta de acordo com os jesuítas que sempre demonstraram ser mais dispostos. Agora o céu não está em um lugar concreto de rosas nuvens e anjos de cabeças e asas sem coras, nem tão pouco existe um inferno com fogo e enxofre. As pessoas do Vaticano sempre despertam tarde. Quando dão conta do que estão fazendo, levando algo ao ridículo mais embaraçoso, apressam-se em dissimular o engano, e assim, sempre com a intenção de proteger os privilégios terrenos e assegurar a fidelidade da sua clientela. Fazem poucos anos, a Igreja pediu perdão, publicamente, a Galileu, que esteve a ponto de perder a vida por ordem dos “sábios inquisidores” pois assegurava que a Terra não era o centro do universo.

“As declarações do Papa oxalá tenham tranquilizado a mais de um católico, pois lhes fica o consolo de que uma noite deixam de respirar, com um pecado bastante pesado em sua consciência e sem tempo de confessá-lo, não se tostarão no inferno. Uma lástima que os “infalíveis” de Roma não tenham sido iluminados sessenta anos atrás. Eu teria me poupado da cruel angústia de acreditar que minha mãe viveria eternamente envolta em chamas e, sem uma gota de água para saciar sua sede.”

“A parte de perseguir e decorar o descolorido e empoeirado João Paulo II, conservando o argumento da obra. Ele leu

que “ O céu e o inferno são um estado de alma. O inferno, mais do que um situação que vive quem se afasta de Deus definitivamente e por vontade própria. Não necessitamos atribuir a condenação a iniciativa de Deus, porque em seu amor misericordioso, Ele não pode querer outra coisa que a salvação de todos os seres que criou. Na verdade é a criatura que recusa seu amor. A condenação consiste, portanto, na separação definitiva de Deus”. Com estas manifestações o Sr. Wojtyla ficou muito satisfeito. Mas não reparou que o Infinito Amor de Deus, deve estar em equilíbrio com a sua infinita Justiça, e o castigo, por mais grave que seja, sempre será desproporcional. Alguns teólogos, utilizando-se de um sentido comum, também o pontuam desta forma.

“Jamais esquecerei a imensa confusão , dúvidas, e angústias que recebi da Igreja. Não quero me esquecer. Pelo contrário, quero manter isto vivo em minha memória, para que jamais dominem minha capacidade de discernir e argumentar todas as contradições que esta instituição prega. Muitos dos fregueses agora, já não são tão obedientes e fiéis. Qualquer ser batizado pode se sentir teólogo e opinar sobre temas considerados sagrados. A liberdade de expressão e a perda do poder eclesiástico, o fizeram possível. O imponente edifício mostra numerosas fissuras demonstrando sua vulnerabilidade e isto instiga a pensar se as bases da fé descansam em um terreno suficientemente sólido”.

“Este é meu grande desafio, buscar contra-sensos, incoerências, erros e superstições, sustentadas ao longo dos séculos, por quem , com desmedido orgulho, teve pretensão de estar em posse de toda verdade, afirmando serem ministros indiscutíveis do mesmo Deus. Todavia hoje, ainda defendem que toda a estrutura da doutrina católica descansa sobre o pecado original, aquele pecado de desobediência de “nossos primeiros pais” que com certeza nos deixaram uma triste herança, mesmo que repartida em partes iguais. Parece que o caso era irremediável, que por um homem, Adão, dizem, havia entrado o pecado no mundo e, por outro, Jesus, nos chegava a salvação. O preço desta salvação, segundo a igreja, foi tão alto para Deus, que Ele não está disposto a admitir ao seu lado aqueles que não tenham seguido os ensinamentos de seu Enviado, dentro de determinado tempo limitado. A Sabedoria, o Amor e a Onipotência, todos os atributos infinitos de Deus ficam restritos, diminuídos, inexistentes, frente ao eterno descumprimento de suas criaturas. Não se pode conceber esta idéia por estar longe de toda lógica e muito perto de um contra-senso evidente.

“Me parece bem que existam variadas e múltiplas crenças, como diversas são as idéias que fazemos sobre Deus, a vida e a morte. O respeito que devemos ter um para com os outros, obrigá-nos a defender a liberdade de escolher o caminho que achamos mais conveniente. O verdadeiramente grave é que as fábulas que pregam e consideram verdades inquestionáveis a maioria das confissões religiosas, geram incredulidade e ascetismo. A raiz do problema em boa medida, nasce aqui. Ao ensinar utopias, em vez de estudar as leis naturais que governam a Criação. Nós seres humanos durante a vida, nos encontramos diante de situações difíceis, amargas, sem saída possível. Estes são os momentos em que as perguntas, aparentemente, não têm respostas. É desolador sentir-se órfão e não poder pedir a ajuda de um Pai, porque a razão, sempre calculista, nos diz que parece impossível que na desordem terrena, possamos esperar justiça, equilíbrio, sair da solidão e da impotência que nos aplaca”.

“Minha queixa formal esta direcionada a Igreja Católica e, não para as outras Igrejas que são filhas da reforma. Durante os primeiros séculos do cristianismo, a doutrina de vidas sucessivas foi uma crença generalizada. Os discípulos de Jesus nada se surpreenderam quando Ele lhes falou de que a Elias e a João Batista lhes havia animado o mesmo espírito.

No ano de 553, o triste e famoso Conselho de Constantinopla II, sob domínio do imperador Justiano I, condenou à pena máxima quem sustentasse a crença da Reencarnação. A promulgação desta lei, que significou perseguição e morte, caiu como fria lâmina sobre os povos. Silêncio e esquecimento. Os orgulhosos não aceitam perder privilégios. Para admitir a lei da Reencarnação, é preciso ser humilde. Será por tal razão que a igreja não regressa a suas origens? Tão alto se estabeleceram, entronados em seus lugares, que lhes atemoriza reencarnar e perder posições.

“Os senhores do Vaticano, dominados pela presunção de serem os eleitos que possuem a eterna glória, preferem uma justiça divina feita a medida de suas conveniências. Longe de elaborar um estudo objetivo e imparcial de seus incontáveis dogmas de fé, criaram a figura de um Deus limitado. Um Deus que não nos ama a todos por igual uma vez que a intensidade de seu Amor sobe ou baixa de nível segundo o comportamento e os sentimentos dos pobres mortais...”

“Obrigada sou a tender-me um momento, o tema pede por isso. Quem nos criou tão diferentes? O que separa a pessoa honesta, de bom coração, daquela que o tem endurecido e não podemos esperar dela nenhuma ação positiva? Qual é a

razão deste abismo?”

Privilégio não, privilégio neste caso seria sinônimo de injusta Lei de Evolução Espiritual sim, mediante o nascer e voltar a nascer, tentando nos erguer depois da queda fruto de nossa infância espiritual, vencendo obstáculos e, debilidades, até chegar um dia por mérito próprio a conquistar o Equilíbrio e a Paz. Todos estamos imersos dentro da Lei de Causa e Efeito, querendo aceitar ou não, de igual maneira que a Terra, em seus rítmicos movimentos de rotação e mudanças, levava aqueles que sustentavam que o mundo estava quieto.”

“A guarda e custódia da pureza e da fé, têm representado uma excelente desculpa para o clero que com ameaças de condenação eterna e castigos “exemplares” do Santo Ofício, tem conseguido que seu rebanho ande as cegas e Roma sabe muito bem que no país de cegos, quem tem um olho é rei. Ao esconder a lâmpada debaixo do cetim, tal como diz o evangelho, não o fazem por ignorância, mas sim para proteger os grandes interesses e o vasto poder do qual desfrutam. Tal atitude tem poucos atenuantes. Recordo que meu filho, quando tinha pouco mais de dez anos, comentou que a Igreja havia sobrecarregado tanto de mentiras o barco de São Pedro, que um dia afundaria. Suponho que com ânimo de sobreviver a gigantesca onda de avanços sociais, culturais e científicos, o Vaticano se sente obrigado a tirar pelas bordas algumas insignificâncias.”

“Ha quem creia e, é certo, que já estamos no inferno e outros esperam converter a Terra em um lugar o mais parecido possível com o paraíso, coisa muito encomiable.

“Quando cataclismas naturais impõem sua irreduzível fúria sobre os povos e centenas de criaturas humanas são arrastadas pelas águas ou soterradas sobre a terra em suas próprias casas quando dos deslizamentos, nós em imensa maioria, nos unimos a dor e a tragédia. A solidariedade então, converte-se em um fenômeno real de generosidade diante do próximo.”

“Terrível e aterrorizante é pensar o número de conflitos bélicos que afetam diferentes povos, enfrentados por inadmissíveis razões étnicas ou territoriais, mas no fundo sempre com algum interesse econômico. Resulta aterrorizante ver como ditadores sem consciência, uma vez que não conhecem a clemência, submetem, torturam e assassinam a centenas de pessoas. Os meios de comunicação nos oferecem as mais cruéis imagens, que compartilhamos com a comida e a janta. Nos perguntamos perplexos, como podem cometer tais atrocidades, pois as pessoas normalmente são pacíficas, queremos viver em boa convivência e o contrário disto fomenta a indignação de quase todos.”

“Desenganemo-nos, só o Amor pode nos libertar do sofrimento. Urgimos em aprender a amar, pois a consequência do desamor nos faz prisioneiros de voltar a este mundo uma vez atrás da outra. Pedimos em oração a Deus o pai nosso, que nos livre de nossos inimigos. A convivência com um inimigo não é recomendável, pois a situação pode se agravar tanto que, brote a violência e conduza inclusive, a extremos homicídios. A prudência nos aconselha, assim, a nos afastarmos das pessoas incapazes de conviver sociavelmente. Os seres humanos são imprevisíveis as diferentes maneiras de viver e sentir as situações pelas quais passamos. É difícil Amar sem limitação alguma. Em muitos casos, um amor sincero, sem egoísmo, não existe nem entre as pessoas com os mais estritos laços. Genros e noras, por exemplo, quase nunca se apreciam por seus méritos próprios, mas sim em função da qualidade de vida que proporcionam a nossos filhos.”

“Não é realmente difícil perdoar os desagradados. Quando alguém nos ofende, buscamos até encontrar o defeito da pessoa que desencadeou tal comportamento menos nobre ou desleal para conosco, ou o que é pior, contra nossos seres mais queridos. Disto desprendem-se várias atitudes, da mais radical “nunca o perdorei”, a outras mais suaves, “perdô, mas não esqueço”, ou “ esta pessoa não é nada, sinto total indiferença”. A indiferença é ausência de amor. Não é ódio, mas sim desagrado as debilidades que julgamos imorais e “condescendentes” assegurando-nos de que quem nos ofendeu não tem princípios, ou que é tão primitivo que só pode pensar em cobrir necessidades materiais, pois não conseguiu desenvolver seus sentimentos.”

“Admito que não seja fácil seguir tendo na mesma estima, como se nada houvesse ocorrido, a pessoa que nos fere o corpo e a alma, que nos rouba, que nos trai. E dói mais ainda, recebermos um tratamento que nunca demos. Sentir que pisoteiam o amor que havíamos oferecido sem reservas e a resposta quase sempre é fechar a porta do coração. A desconfiança é um bom conselheiro para nos impedir que o afeto maltratado, ressurgja novamente. Encontramos os argumentos que sejam necessários para dar apoio a nossa atitude. Por certo que temos o direito de esquivarmo-nos de situações desagradáveis, mas não é menos certo que, ao mesmo tempo, mantenhamos nossa postura de não esquecer nada e cada um dos condicionantes morais que tenham impulsionado a ocorrência de maneira tão injustificada, a pessoa a qual guardamos prudente distância.

“Cabe a possibilidade de encontrarmos alguns defeitos tão graves uma vez que já os superamos. Ter superado um defeito, significa que este havia tornado parte de nossa personalidade. Ele nos mostra que devemos ser mais tolerantes e, se não somos capazes de praticar esta virtude, admitamos pelo menos que esta é nossa falta pendente.”

“Não quero que alguém que tenha acesso a estas páginas possa crer que quando exponho pensamentos e comentários, o faço com a pretensão de me sentir bastante superior, como a dar conselhos aos demais. Muito pelo contrário. Quero confessar aqui, que eu também sinto indiferença, prova irrecusável de minha pequenez. Sei, sem a menor dúvida, que as pessoas as quais me afetaram, magoando-me consideravelmente, voltaremos a nos reunir em uma nova reencarnação. Apesar disto não consigo evitar que “elas”, espiritualmente, terão melhorado. Neste momentâneo e contínuo tribunal...”

“Jesus insistiu uma vez depois da outra, a necessidade de amar e perdoar aos inimigos. “Porque se amas a quem te amas, que recompensa terás?”. E quando Pedro perguntou se tinha que perdoar a seu irmão sete vezes as ofensas recebidas, o Mestre lhe respondeu: “Não te digo sete vezes, mas sim setenta vezes sete”. Estranha pretensão a nossa, imperfeitos mortais, temos a obrigação de nos mostrarmos magnânimos e não podemos esperar que nosso Pai nos perdoe as culpas, sempre ocasionadas pela condição humana. O senhor Wojtyla, assim o tem ratificado. A condenação é eterna para quem se equivoque a primeira sem se arrepender. Falta saber em que consistirá esta condenação e que tipo de “justiça” lhe regerá, porque a consciência dos seres humanos pode ir de um cinza pálido ao negro.”

“O raciocínio do Vaticano são tão contraditórios, tão distantes da lógica que não me convencem nem minimamente. Desvirtuam a mesma essência de um Pai perfeito, tal como Jesus ensinou. A perfeição divina em grau infinito, resultando ser incoerente a ausência de misericórdia e rechaçando eternamente milhares de almas. Sigo crendo que os evangelhos e os Feitos dos Apóstolos, devem ser analisados com um critério são. As idéias pessoais de seus autores, expressadas em uma linguagem pobre e devido a numerosas traduções realizadas, são os maiores obstáculos na hora de interpretar uma leitura esclarecedora. Sempre que tento harmonizar determinados textos com objetividade, sinto-me envolvida por um grande caos mental. E é um deleite de tal categoria que é difícil de digerir e mais de uma ocasião as pessoas acabam privando-se da Bíblia por não compreender sua turva linguagem.

“De certo te digo, que ele que nasceu outra vez, não pode ver o reino de Deus”. Esta é a lua do evangelho. O mistério descoberto dos enigmáticos hieróglifos. Não existe outro, A Reencarnação se repetirá sempre, nos fala de justiça, de igualdade da Criação. Há um único caminho que conduz ao cume do Reino: a prática total do Bem.”

“O perdão é um estado de amor, de humildade, de generosidade. Neste aspecto, a lição mais sublime recebemos do Mestre Jesus. Injustamente aprisionado, acusado, condenado, flagelado, coroado com espinhos e condenado a morte na cruz, mesmo os soldados cumprindo seu mandato, Ele, superando a si mesmo, em um abundante e generoso amor, converte em realidade seus ensinamentos, suplicando: Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem”.

“O perdão é, sem a menor dúvida, o laço e a marca de espíritos superiores, mas o gesto de Jesus vai além. Não somente perdoa, mas roga clemência para seus carrascos. E este ato garante a autenticidade de sua missão. O exemplo é apenas uma rubrica que tem mais força do que as palavras e, nós seres humanos o necessitamos.”

“Penso que Jesus sabia que não era preciso pedir clemência ao Pai. Recorrer a esta instância significa tentar que se suavizem os sentimentos de alguém, com o objetivo de que adote uma posição mais amena, não tão rígida. Se a razão não nos permite questionar que as leis divinas são justas e imutáveis, não cabe acrescentar que, além disso são clementes”.

“Dando mãos a imaginação, eu que não suporto a menor injustiça, percorri o longo caminho do Calvário, carregando comigo, injúrias, ultrajes e torturas, até sentir quase com calafrios, como os pregos penetravam em minhas extremidades. O ponto culminante da cruel condenação. E quando o ar parece faltar em meus pulmões e um grito de rebeldia nasce do fundo de minha alma, escuto as palavras do Mestre que crescem e crescem, ressoando no infinito”.

“Meu espírito permanece acorrentado, consciente de que através de milênios, quando só era um embrião espiritual, comecei o longo processo evolutivo. Tempo e mais tempo para aprender a caminhar, entre resvaladas e quedas ao fundo do abismo. Que tipo de comportamento haverá gerado minha ignorância? Com quais déspotas procedimentos me mantive no poder, alimentando o próprio orgulho, submetendo escravos e família? E de quantas amargas lágrimas causaram minha frieza? As perguntas, claras e desafiantes, sacodem-me e adivinho as respostas. Respostas que uma lei prevista não esconde, porque desconhecendo nossa inferioridade e a gravidade das culpas acumuladas, nos seja mais fácil tirar um bom resultado de cada nova oportunidade que nos concedem nas múltiplas reencarnações. Sim, a falta de memória das existências passadas, longe de ser um obstáculo, nos acalma a caminhada e, deste modo podemos conviver, mediante

laços familiares, com o pior dos nossos inimigos ou com quem temos tirado a vida.”

“Comove-me o gesto de Jesus! Sua indiscutível ternura até o ponto de suplicar perdão para os culpados, atribuindo seus atos a sua falta de conhecimento do bem! Tanta magnificência me dá energia suficiente para levantar-me e permanecer de pé. Se súbito descubro o que quero é o que hei de conseguir.”

“Quando um ser é capaz de perdoar uma ofensa, sem calcular sua magnitude, este ser se liberta do jogo de ódios e rancores, nada lhe oprime, conquistando o direito de respirar o ar limpo que envolve as consciências na paz.”

“A situação de quem foi perdoado, em contraponto, não é a mesma. Uma grande distância separa um do outro. Quanto mais sincero e generoso é o perdão, mais pequeno e embaraçado se sente o culpado no momento em que desperta sua consciência, elevando-se a ser seu próprio juiz. O perdão que nos concedem, mantém-se presente em nossa memória, de modo irrevogável, mostrando-nos que cometemos um ato punível”.

“É por esta razão que não quero que me perdoem. Se alguém o faz, melhor para ele, significará que é um espírito que está num bom nível espiritual. Mas a mim, não me basta obter o perdão por minhas debilidades. Quero, necessito imperiosamente, que quem tenha recebido algum dano mais ou menos grave de minhas mãos, me permita que o ame. Curar as feridas, secarei lágrimas... Apenas necessito do tempo e tempo é o que terei da eternidade. Sei que aquela ternura que desprendem das palavras do Mestre Jesus, invadirá meu espírito e nada me deterá para chegar aos mais altos postos de Equilíbrio e Paz, porque o Amor não carece de fronteiras, não tem limites. O amor vem de Deus, por isto é infinito”!

FINAL DO TRAJETO

Uma dupla fileira de verdes plátanos costeavam o largo calçadão. Durante o verão, seus ramos estendidos se juntavam para converterem-se em sombra protetora, suavizando o rigor do sol. O forte vento outonal que soprara na noite anterior, havia arrancado numerosas folhas secas que faziam barulho quando os transeuntes as pisavam. Pouco a pouco os plátanos ficariam nus e a sua caduca vestimenta, durante o período do inverno acinzentava seus troncos, altivos e desafiantes permaneciam ali, imbatíveis, suportando o açoite dos ventos gelados. A primavera, sempre pontual, despertaria com sua presença, a natureza. Novamente a vida brotaria por tudo, envolvendo com ternas folhas as árvores que as perderam e da terra estéril durante meses, surgiria a magia de mil plantas de distintas formas e cores que, eloquente mensagem, nos fariam de seu renovado existir.

Era véspera de finados. Dora saiu da consulta médica e começou a caminhar devagar pelo calçadão olhando a folharada, o que lhe fez sentir uma agradável sensação, porque pensou na nova primavera que viria ao findar o inverno. Lá na sala de espera os pacientes sustentavam, mais ou menos, a conversação de sempre, seus problemas de saúde. Aquela tarde alguém enumerou recentes ingressos hospitalares, inclusive o falecimento de três pessoas conhecidas. Isto produziu sobressaltos e lamentos, sendo a queixa mais comum a rapidez com que transcorre o tempo, engolindo tudo. A maioria das pessoas que ali estavam chegara a jubilação e portanto, sabiam que, ainda que se negassem a admitir abertamente, o final do trajeto estava perto. Um final, diziam, que não há como escapar nem retornar. Uma mulher recordou-se dos seus jogos de infância, o colégio, as excursões ao campo... Parecia-lhe que havia sido ontem, só haviam transcorridos mais de sessenta anos e ela não sabia como.

Dora não se atreveu a se envolver na conversação. A julgar pelos comentários emitidos, o momento não oferecia nenhuma possibilidade de reflexão. Se ela tivesse pontuado que a vida é inextinguível, teria apenas aumentado o grau de incredulidade imperativo no local. Lastimou pelas pessoas que a rodeavam. Seu medo era quase palpável. Estava impressa em seu olhar apagado, uma resignação que nasce com a impotência. Causa calafrios comprovos que tantos milhares de seres cheguem ao final de sua existência com um escasso ou nulo conhecimento sobre a vida espiritual.

O materialismo frio, cruel e total, defende que atrás de um plano mais ou menos ao longo prazo, desconhecido mas certo, chega um momento fatal de deixar de existir. É o não ser, não sentir, não fazer parte da vida. Repugna aceitar a total destruição dos seres, não recuperar jamais os movimentos, a ação, a capacidade de pensar e trabalhar, sem que tenhamos o direito de abrigar paixões, desenvolver sentimentos e levar ao fim empresas e altares da sociedade.

Dora percorreu as dependências do seu lugar. Contava com infinidades de objetos que conservava por alguma razão especial, recordações de família e de viagens, quadros... Mais acima sobressaltava as estantes repletas de livros que, com seu marido, que haviam colecionado ao longo de mais de quatro décadas e constituíam um tão alimento moral e intelectual para a família. Algumas vezes lia um título do querido tesouro, pensou que toda possessão, por menor que seja, cria laços escravos e supõe um esforço desprender-se dos pertencimentos que formam parte de nosso todo. Com maior motivo as uniões afetivas mais estreitas, são vínculos de uma magnitude considerável, por cuja razão a morte de um ser amado é uma prova difícil de superar. Ela o sabia muito bem e as experiências vividas, lhe possibilitavam entender a dolorosa situação das pessoas que atravessam a angustiante transição da separação.

Sobrevivência ou destruição, está aí o elo da questão, o ponto de partida da eterna discussão. Sobrevivemos a

morte física? Personagens de renome indiscutível afirmam crer na vida mais adiante.

“A tumba com a qual se fecha os mortos abre o firmamento; e o que acreditamos ser o fim, é o começo. A morte é a prova da vida”. Victor Hugo

“Não digais que estou morto” Robert Browning, poeta inglês.

As últimas palavras do escritor Walter Scot, foram: “Sinto como se tivesse que ser eu mesmo outra vez”.

“O amor é mais poderoso que a morte; o amor existe, a morte não.” León Denis.

Afortunadamente dispomos hoje de um grande número de homens e mulheres que desde o campo da medicina constatarão com experimentos de regressão a vidas passadas, que a sobrevivência é uma realidade. Tudo que o espírito aprendeu em suas diversas encarnações constitui a memória extracerebral e de forma provocada ou espontânea, se consegue que pessoas de todas as idades possam detalhar as circunstâncias e os lugares onde se desenvolveram anteriores vidas, às vezes tão próximas que possibilitam um reencontro com suas surpreendidas dívidas. Tais comprovações trocam o desespero pelo sossego, atrás da escuridão se fará à luz.

É de se esperar que o por vir, do que hoje são alguns controvertidos mas sugestivos estudos, transcendam até o domínio público e a Lei da Reencarnação, abarcada pela ciência, adquira o reconhecimento que merece. Ao nível planetário é incalculável o benefício que pode apontar esta verdade universal. De imediato começaríamos a cuidar da Terra, o lugar ao qual regressamos para completar nosso crescimento moral. Precisamos das selvas e matas, do ar limpo e que os mares não estejam contaminados. Não podemos esquecer que é de vital importância impedir o progresso avassalador do planeta, dos danos que mãos insensatas estão causando. Nada, mediante um aviso, derruba suas casa para viver sem abrigo, exposto as necessidades. No entanto a natureza está sendo maltratada por quem mais deveria respeitá-la: o ser humano, que não pode escapar do processo evolutivo que lhe obriga a regressar no cenário terrestre.

Apesar de existirem leis sancionadas e centros penitenciários, estes não são obstáculos para que se continuem cometendo numerosos delitos. É certo, mas os infratores comumente, pensam poder livrar-se desta lei, porque crêem que nunca serão aprisionados e, no pior dos casos, fica o recurso de manter uma boa cartada e até dispor da ajuda de um competente advogado, se o responsável desfruta de boa condição econômica.

Ficou comprovado em mais de uma ocasião que, a justiça humana é falível, mas não é assim a natural ou divina. Se estivemos persuadidos de que toda ação negativa teremos, inevitavelmente, as consequências proporcionais aos deslizes cometidos, mudaríamos de comportamento, mesmo que em um primeiro momento apenas o medo nos guiaria por não fazermos credores a situações análogas ou equivalentes a que tivéssemos provocado. Não admite dúvida que o dano moral ou físico ocasione a um semelhante, retornando sempre ao seu executor e esta representa a mais justa e estimulante lição. Não há tribunal mais infalível, nem juiz mais severo que o próprio ser. Acontecem ocasiões que um espírito durante séculos, pode encontrar atenuantes para seus delitos, mas a seu devido tempo despertará da pressão da imutável lei de evolução e compreenderá a tarefa de reajustar-se espiritualmente.

É momento de insistir que não a final de trajeto, já que retornamos a escola da Terra até provar todas as situações. Grande erro é sentir um imenso apego ao país que tenhamos nascido, crendo-nos tão superiores que chegamos a menosprezar ou odiar aos demais, devido à cor de sua pele, o lugar de sua procedência, quando na realidade pertencemos a todas as etnias, animando corpos de distintos sexos e formatos participando das mais diversas posições sociais.

A mente de Dora acudiram, como que a brotar, umas frases como canos procedentes de um mesmo princípio, apagando a sede de seu constante indagar.

Bhagavad Guita, diz: “As virtudes conduzem a libertação da mortalidade e a união com Deus. Os vícios obrigam a repetidos renascimentos na profundidade da mortalidade. As virtudes conduzem a emancipação; os vícios a escravidão.”

Um ensinamento budista diz: “É norma da natureza que o que se semeia é o que se colhe”.

“As aflições não são, muitas vezes, mais do que benefícios disfarçados. A adversidade é o que exercita os homens”. Smiles

“Cada alma atrai o que é seu e nada lhe aproxima que não lhe seja correspondente”.

“... e com a medida que tiverdes medido serás medido também.” (Mt. 7,2)

A CAMINHADA ILUMINADA

Em seu diálogo interior, Dora se deleitava ao recordar que o caminho até o ápice está assinalado por infinitas e reluzentes luzes indicadoras. Ninguém pode errar o caminho se prestar atenção as advertências dos grandes Mestres e aos seus mais esclarecidos alunos. Personagens exemplares que desfilaram pela história, emitindo juízos são e advogando pelo procedimento correto.

Obrigação é a de repetir algumas comprometedoras palavras de Jesus, segundo Mateus, que tem por finalidade um grande significado: “ Ama aos teus inimigos e roga pelos que o perseguem...”

Sócrates ensinava a não desdenhar a pessoa alguma, dizendo: “Nossas orações devem encaminhar-se a prosperidade de todos porque os deuses sabem muito bem o que particularmente nos convém”.

Dizia Pitágoras: “Há felicidade em poucas coisas. Perdoa as debilidades humanas”.

O budismo declara: “O rancor nunca acaba com o ódio. Só o amor termina com ele. Esta é uma lei eterna”.

J. Bálamo nos chega à consoladora frase que abre a porta de uma esperança certa: “Para Deus nunca é tarde, porque nunca anoitece em seu dia infinito”.

A humanidade, um dia, haverá de envergonhar-se de sua ingratidão diante de tantos ensinamentos, por humildes que sejam, expressada com o nobre desejo de convidar ao próximo a iniciar ele próprio seu crescimento moral.

O tropeço e as quedas inevitáveis são a consequência de caminhar com os olhos fechados. Permanecer, por indolência, atrapalhados em profundo atraso e abandono de inquietudes espirituais, não faz mais do que retardar a evolução individual e coletiva. Viver sem esperança, como enfermos terminais, impede o vislumbrar horizontes de maiores relevâncias e, dificulta o trânsito por este mundo.

Inevitavelmente, os mais acirrados detratores da espiritualidade, depois da morte física, comprovam surpreendidos, que somos imortais. É o grande triunfo da eternidade verdadeira sobre a inexistente morte definitiva.

Dora sorriu com uma onda de satisfação, ela jamais havia balançado diante da idéia de reduzir a vida a uma única e efêmera instância neste planeta, sem uma continuidade precedente. A razão nos dita de que viemos de um Amor sem limites.

Sem Amor não existiria a Criação. O Amor é a essência da Causa primeira, a Energia que fecunda a Vida Eterna.

O amor não adoce de nada porque é o todo.

O Amor orado abrandando o espírito mais duro, e uma vez instalado nele, se transforma em fraterno abraço universal.

O Amor é o potente sentimento que quando cativa, liberta de egoísmos e vaidades.

O Amor acalenta o frio das almas enfermas e lhes devolve o calor da Vida.

Junto ao Amor germina, esplendorosa, a semente do Bem, por isso quem ama desprende generosidade e perdão.

O Amor é o fogo que purifica, sufocando deficiências e acendendo ânsias de progresso.

O Amor é luz que guia as almas até a sabedoria.

A força vigorosa do Amor invade toda criatura que consente em ser arrebatada pelo êxtase de saber que é filha do Criador.

Igualada, 28 de Novembro de 2000.